

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE ARTE
ESPECIALIZAÇÃO EM MODA, CULTURA DE MODA E ARTE**

ANA PAULA DE SOUZA CAMARGO

**JAPÃO:
a peculiaridade de sua cultura, arte e moda**

**JUIZ DE FORA
2012**

ANA PAULA DE SOUZA CAMARGO

**JAPÃO:
a peculiaridade de sua cultura, arte e moda**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Moda, Cultura de Moda e Arte como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Moda, Cultura de Moda e Arte.

Orientador: Afonso Celso Carvalho
Rodrigues

JUIZ DE FORA

2012

ANA PAULA DE SOUZA CAMARGO

JAPÃO: A PECULIARIDADE DE SUA CULTURA, ARTE E MODA

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Moda, Cultura de Moda e Arte como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Moda, Cultura de Moda e Arte.

Orientador: Afonso Celso Carvalho Rodrigues

Aprovada em ____ / ____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Afonso Celso Carvalho Rodrigues – Especialista
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meus pais, que
sempre estiveram a meu lado me
incentivando para ir sempre em frente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me deu forças quando o desânimo chegava. E a meu orientador, Prof. Afonso Celso Carvalho Rodrigues, pelo incentivo e interesse na orientação deste trabalho.

RESUMO

CAMARGO, Ana Paula de Souza. **Japão**: a peculiaridade de sua cultura, arte e moda. p. 88. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Moda, Cultura de Moda e Arte). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

A milenar cultura japonesa sempre foi alvo da curiosidade de todos os povos, já que o Japão sempre tentou manter a mais pura originalidade em suas crenças e costumes, conforme pode-se comprovar na abordagem desse tema. Conhecendo um pouco da cultura e dos costumes japoneses, os brasileiros podem entender porque eles foram incorporados à vida brasileira, como muitas práticas culturais são praticadas no Brasil. Muitas dessas artes, que são bastante diversificadas e atrativas, existem aqui também, bem como a culinária com alimentos exóticos, enfim várias referências de lazer e cultura japonesas que se expandiram por todo o território brasileiro e por muitos outros países. E como a moda, que é um dispositivo social, se desenvolve a partir das interrelações entre a criação, a cultura e a tecnologia, envolvendo aspectos históricos, sociopolíticos e econômicos, é importante conhecer a sua história e evolução para poder entendê-la, já que a forma de vestir, a princípio, seguiu a milenar cultura local, destacando o Japão de todos os outros países do mundo. Aqui entra o quimono, a mais tradicional veste conhecida do mundo que merece um lugar de destaque. Mas que atualmente está sendo substituído por variadas formas de vestir, principalmente pelo estilo *street fashion*, grande atrativo para os adolescentes e jovens adultos japoneses. O estilo Lolita merece destaque por remeter à infância.

Palavras-chave: Cultura Milenar. Arte. Vestuário. Quimono. Lolita

ABSTRACT

CAMARGO, Ana Paula de Souza. **Japan**: the peculiarity of its culture, arts e Fashion. p. 88. Course completion work (Specialization in Fashion, Culture Fashion and Arts). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

The ancient Japanese culture has always been the subject of curiosity for all people, since Japan has always tried to maintain the purest originality in its beliefs and customs, as it is proved in this theme approach. Knowing a little about Japanese culture and customs Brazilians can understand why they were incorporated into Brazilian life, as many cultural practices are practiced in Brazil. Many of these arts that are quite diverse and attractive, exist here too, as well as the cookery with exotic foods, finally several Japanese references in leisure and culture which expanded throughout Brazil and many other countries. And since fashion, which is a social device, develops from the interplay between the creation, culture and technology, involving the historical, sociopolitical and economical aspects, it is important to know its history and evolution in order to understand it since at first the dressing style followed the ancient local culture, highlighting Japan from all other countries of the world. Here comes the kimono, the traditional dress known all over the world that deserves a prominent place. But currently it is being replaced by several dressing styles, mostly by street fashion, big appeal for Japanese teenagers and young adults. The Lolita must be highlighted since it delivers to childhood.

Key-words: Ancient culture. Arts. Clothing. Kimono. Lolita.

LISTA DE FIGURAS

- Fig 1 - Hinomaru, a bandeira japonesa
- Fig. 2 - O Selo Imperial
- Fig. 3 - Cerejeira em floração
- Fig. 4 - Bonsai
- Fig. 5 - Bonsai Chokan
- Fig. 6 - Bonsai Kengai
- Fig. 7 - Bonsai Shakan
- Fig. 8 - Monte Fuji
- Fig. 9 - *Kii Serra*
- Fig. 10 - *Ginkakuji Temple*, ou Templo do Pavilhão de Prata
- Fig. 11 - Templo *Kinkakuji*, ou Pavilhão *Golden Temple*
- Fig. 12 – Arte Japonesa Antiga
- Fig. 13 – Arte Japonesa do Período *Asuka*
- Fig. 14 – Arte Japonesa do Período *Nara*
- Fig. 15– Arte Japonesa do Período *Heian*
- Fig. 16 – Arte Japonesa do Período *Kamakura*
- Fig. 17 – Arte Japonesa do Período *Muromachi*
- Fig. 18 – Arte Japonesa do Período *Momoyama*
- Fig. 19 – Arte Japonesa do Período *Edo*
- Fig. 20 – Pratos do Período *Meiji*
- Fig. 21 - *Happi*
- Fig. 22 - *Tabi e jika tabi*
- Fig. 23- *Geta, Zori e Waraji*
- Fig. 24 - Quimonos tradicionais
- Fig. 25 - Um quimono tradicional
- Fig. 26 - Quimono com *mon*
- Fig. 27 - Detalhe do laço do **obi**
- Fig. 28 - Evolução do Quimono
- Fig. 29 – Quimono tipo *Tomesode*
- Fig. 30 – Quimonos tipo *Furisode*
- Fig. 31 – Quimono tipo *Uchikake*

- Fig. 32 - Quimonos tipo *Kurotomesode*
- Fig. 33 – Quimonos tipo *Irotomesode*
- Fig. 34 - Quimono tipo *Houmongi*
- Fig 35 – Quimono tipo *Tsukesage*
- Fig. 36 - Quimono tipo *Iromuji*
- Fig. 37 - Quimono tipo *Komon*
- Fig. 38 – Quimono tipo *Yukata*
- Fig. 39 - Xilogravura Ukiyo
- Fig. 40 - Partes do quimono masculino
- Fig, 41 – *Hakama*
- Fig 42 - *Montsuki* é usado em cerimônia de casamento
- Fig. 43 - Homem com *Yukata*
- Fig. 44 - Lutadores de sumô com seus *Gi*
- Fig. 45 - Quimono do século XXI: temas abstratos, geométricos e estamparia moderna e um insubstituível toque da seda
- Fig. 46 - O Príncipe Shotoku e filhos com penteados, túnicas e acessórios de inspiração chinesa
- Fig. 47 - Reprodução moderna de um *jûni-hitoe*
- Fig. 48 - *Uchikake* usado em peças *Nô*, confeccionado no século XVIII
- Fig. 49 - *Shibu-kaji*
- Fig. 50 - Moda jovem japonesa dos anos 90
- Fig. 51** - Homem e mulher japoneses vestidos na moda
- Fig. 52 - Desfile da estilista Rei Kawakubo: uso do preto e de modelagens volumosas
- Fig. 53 - Modelos expostos com detalhes das criações de Yamamoto
- Fig. 54 - Estilo característico de Miyake
- Fig. 55 – Lolitas
- Fig. 56 - QiLolita
- Fig. 57 - Deco Lolita
- Fig. 58 - Korona Lolita

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A CULTURA JAPONESA	12
2.1	Governo	12
2.2	Monarquia	13
2.2.1	Símbolos Nacionais	13
2.3	A Capital	17
2.4	O Sistema Educacional Japonês	17
2.4.1	A Escrita e os Símbolos Japoneses	20
2.5	A Alimentação	20
2.6	Plantas	22
2.6.1	A Flor de Cerejeira – Símbolo do Japão	22
2.6.2	Bonsai – a Árvore Anã	23
2.7	Pontos Turísticos	26
3	A ARTE JAPONESA	32
4	A MODA JAPONESA	41
4.1	O Vestuário Japonês	43
4.2	O Quimono	45
4.2.1	Evolução do Quimono	49
4.2.2	Tipos de Quimono	51
4.3	A História da Moda Japonesa	63
4.3.1	Estilistas Japoneses que Revolucionaram o Mundo da Moda	71
4.4	Lolita, um Modo Infantil de Vestir	76
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
	REFERÊNCIAS	84

1 INTRODUÇÃO

Com a chegada de Marco Pólo à China, o Ocidente recebeu informações muito superficiais sobre a existência de uma ilha com tesouros desconhecidos que depois Kublai Khan tentou conquistar, empreitada mal sucedida já que sua nau foi destruída por causa de forte tempestade de ventos: esse fato é que deu origem à expressão “*kamizake*”. Mais de um século depois, no século XVI, as recentes rotas marítimas comerciais permitiram que os primeiros ocidentais chegassem ao Japão e a Europa ficou estarelecida ao descobrir que aquela civilização, existente há mais de mil e quinhentos anos, tinha uma cultura totalmente diferente de tudo que até então era conhecido.

Isso acontecia porque o Japão é uma ilha e, devido a sua localização geográfica, ficou quase intocado durante todo esse tempo, embora sua história acumule dois mil anos de realizações e transformações. Como as poucas influências culturais e tecnológicas sofridas pelo país vieram de nações orientais, suas crenças e hábitos locais evoluíram para manifestações culturais muito particulares.

Os primeiros contatos do Ocidente (especificamente com Portugal e a Holanda) com o Japão aconteceram durante apenas um século. No início do século XVII, com o advento do shogunato (governante autorizado pelo imperador a governar) Tokugawa, o arquipélago se isolou culturalmente até a segunda metade do século XIX, quando os ocidentais foram expulsos do Japão.

Porém não demorou muito para que os contatos do ocidente com o Japão fossem recuperados, agilizados pela troca mais rápida de informações, o que facilitou o choque cultural, embora esse fluxo de informações não tenha se mantido constante durante o último século e meio. Como durante a Segunda Guerra Mundial o Japão se aliou à Alemanha nazista e a Itália fascista, vários países cortaram suas relações diplomáticas com esse país e mais uma vez a cultura japonesa ficou confinada. Mas quando a paz foi restabelecida, novamente a cultura japonesa tornou-se motivo de curiosidade e fascínio.

Dessa forma o imaginário sobre o Japão é muito grande por conta de suas crenças e manifestações culturais serem muito particulares, num país cheio de tradições com profundas diferenças culturais dos países ocidentais. Com uma história rica e fortes tradições, cuja cultura se baseia no respeito, isso fez do japonês um dos povos mais bem educados do mundo e o país gerou um complexo único de

artes, de tradições, de técnicas artesanais, de espetáculos, música, de uma culinária única e até de uma moda respeitada internacionalmente. Diante de tantos atrativos, esse trabalho se justifica, já que as manifestações culturais e artísticas japonesas levantam a curiosidade e o desejo de conhecer mais a fundo a cultura de sua elite e de seu povo devido às fortes tradições ali respeitadas.

A metodologia usada foi uma pesquisa bibliográfica do tipo exploratória descritiva, baseada numa revisão de literatura que utilizou autores especializados como Cristina Sato, Ank Suzuki, Ikari Mtsuki e Juliana Galende Uchideschi que discorrem sobre o tema Japão, utilizando principalmente os descritores Japão, cultura japonesa, arte japonesa e moda japonesa. A maioria dos textos encontrados não tinha data nem nome de autor, e quando havia, estes geralmente estão ligados ao povo japonês como o site www.cultura.japonesa.com.br.

Essa monografia aborda o tema proposto com a introdução no capítulo 1, depois será abordada a cultura japonesa no capítulo 2, falando do governo, monarquia, os símbolos nacionais, a capital, o sistema educacional, a alimentação, as plantas e os pontos principais turísticos do Japão. No capítulo 3, o tema será a arte tão rica e diversificada. E finalmente no capítulo 4, uma ampla abordagem sobre a moda, desde sua história, evolução e a moda atual; nesse capítulo o quimono tem um lugar especial.

2 A CULTURA JAPONESA

O Japão do *bushido*, dos samurais e *katanas*, dos quimonos de seda, das geishas, bonsais, templos e cerejeiras em flor está trocando sua imagem tradicional por uma mais atual, que também atrai muita curiosidade, de um país cada vez mais ocidentalizado, após sua reconstrução do pós-guerra, mas que continua revelando aspectos tão antigos quanto os de suas imagens tradicionais (SATO, 2007).

O Japão é um país pequeno, com um território de apenas 372.000 km² e com uma população estimada em 128 milhões de pessoas, mas está se tornando grande por conta de suas tecnologias que estão avançando inacreditavelmente. Essas características estão tornando-o um país maravilhoso, com uma cultura milenar que aguça a curiosidade e merece ser conhecida (www.culturajaponesa.com.br).

2.1 Governo

Segundo o site www.culturajaponesa.com.br, o sistema democrático é o vigente no Japão e todos os cidadãos adultos podem votar e concorrer nas eleições locais e nacionais. Existem seis grandes partidos políticos, sendo o mais forte o Partido Liberal Democrata que está no poder desde 1955.

Todos os assuntos que afetam o país como um todo são resolvidos pelo Governo Nacional. Cada uma das 47 províncias que compõem o país elege seu próprio governo, e o governo local é o responsável pelos problemas a si direcionados.

A legislatura nacional japonesa tem o nome de Dieta que elege o Primeiro-Ministro, responsável por nomear o Gabinete. Cada membro desse Gabinete dirige um dos ministérios do Governo. A Dieta possui duas câmaras, pelas quais as principais leis nacionais devem passar: a Câmara dos Deputados, escolhida em eleições locais, e a Câmara dos Conselheiros que representa as províncias ou a nação como um todo. Em algumas espécies de leis, se não houver acordo entre as Câmaras, a decisão fica por conta da Câmara dos Deputados.

2.2 A Monarquia

A monarquia japonesa é a mais antiga monarquia ininterrupta do mundo. O imperador do Japão, conforme consta em sua Constituição, é o símbolo do Estado e da unidade do povo. Ele não possui poderes relacionados ao Governo. O imperador atual, Akihito, subiu ao trono em 1989 e tem três filhos com a imperatriz Michiko. Eles e todos os membros da família imperial vivem no Palácio Imperial de Tóquio (www.culturajaponesa.com.br).

2.2.1 Símbolos Nacionais

A Bandeira Nacional

A bandeira nacional japonesa chama-se *Hinomaru*, que significa “círculo do sol”. Sabe-se que no século XII os *bushi* (guerreiros samurai) costumavam desenhar círculos do sol em leques dobráveis conhecidos com *gunsen* durante a luta pelo poder entre os clãs Minamoto e Taira. Nos séculos XV e XVI, durante o Período dos Reinos Combatentes, quando figuras militares disputavam círculos de influência, o *hinomaru* era utilizado como insígnia militar, que aparece em uma pintura em tela representando a Batalha de Sekigahara em 1600. O círculo vermelho com fundo branco era o mais utilizado, mas usava-se também círculos dourados com fundo azul profundo (http://www.suapesquisa.com/paises/japao/bandeira_japao.htm).

No final do século XVI, usou-se o *hinomaru* como símbolo do país, assim utilizado também no início do século XVII por Toyotomi Hideyoshi, em bandeiras de navios mercantes enviados ao exterior. Ainda no século XVI, numa pintura em tela com cenas da cidade de Edo (atual Tóquio), esse símbolo aparece em um navio que carregava o *shogun*. De 1639-1854, no Período Sakoku, ou período de isolamento nacional, era proibido o comércio ou quaisquer relações com países estrangeiros, exceto com a China, Coreia e Holanda, porém com o shogunato Tokugawa foi aberto o comércio com outros países, inclusive com os Estados Unidos e a Rússia. Assim, a partir de então (1854), a bandeira *hinomaru* passou a ser usada nos navios mercantes japoneses para que não fossem confundidos com os navios estrangeiros. A proposta de Shimazu Nariakira era que eles usariam um painel *hinomaru* com um

fundo branco. Assim o navio *Kanrinmaru*, que levava oficiais japoneses aos Estados Unidos, em 1860, portava uma bandeira *hinomaru* (<http://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/bandeira.html>).

Com o governo Meiji, estabelecido em 1868, o *Hinomaru* tornou-se oficialmente a bandeira do Japão para uso em embarcações comerciais a partir de 1870. Em 1872, ele foi utilizado pela primeira em prédios governamentais e foi usado por muitas famílias comuns e estabelecimentos não governamentais em datas comemorativas. A partir de então, o *Hinomaru* foi solidificando sua posição como a bandeira símbolo do Japão (<http://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/bandeira.html>).

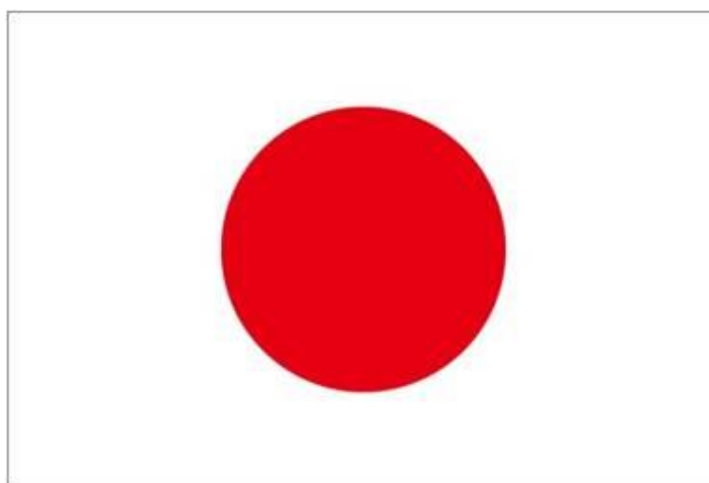


Fig 1 - Hinomaru, a bandeira japonesa
Fonte: <http://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/bandeira.html>.)

***“Kimigayo”* - O Hino Nacional**

A letra do hino nacional foi retirada de um poema antigo. Segundo explicação do Primeiro Ministro Obuchi Keizo, em 1999, o *“Kim”* do nome do hino reflete a vontade do povo, já que indica o imperador, que simboliza o Estado e a unidade do povo, que detém o poder soberano. Como um todo, *“Kimigayo”* representa o estado de espírito do país, que tem o imperador como símbolo nacional e unidade do povo, por isso ele deve ser entoado como uma oração pela prosperidade e paz duradoura do Japão (<http://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/bandeira.html>).

A letra desse hino (<http://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/bandeira.html>) foi encontrada em um poema, parte de duas antologias de *waka* japonês de 31 sílabas,

especificamente, *Kokin Wakashu* do século X e *Wakan roeishu* do século XI, de autores desconhecidos. Esse poema já era recitado em jantares e comemorações. As canções usadas geralmente eram melodias típicas de estilos vocais como o *yokyoku* (partes cantadas de apresentações de Noh), *kouta* (canções populares acompanhadas de shamisen), *yoruri* (narrativa dramática cantada com acompanhamento de shamisen), *saireika* (canções festivas) e *biwauta* (músicas com acompanhamento de biwa). Contos de fadas e outras histórias também usavam a letra, que aparecia ainda na literatura popular de ficção durante o período Edo como *ukyio-zoshi* e em coletâneas humorísticas de *kyoka* (verso louco).

Até no começo do Período Meiji, em 1868, quando o Japão passou a ser uma nação moderna, não existia um hino nacional. Porém, em 1869, John William Fenton, maestro das bandas militares britânicas que estava trabalhando em Yohohama, enfatizou a necessidade do Japão ter um. Então os membros da banda militar japonesa pediram ao Capitão de Artilharia Oyama Iwao, profundo conhecedor de história e literatura chinesa e japonesa, para selecionar uma letra que Fenton comporia a música. Assim foi criado o primeiro hino “*Kimigayo*”, com melodia de Fenton e letra de Horaisan, *biwauta*, que foi tocado pela primeira vez em 1870 durante uma parada militar, mas considerado sem a formalidade necessário, necessitava de uma revisão. Em 1876, Nakamura Suketsune, diretor da Banda Naval, apresentou uma proposta para que a música refletisse o estilo usado nos cantos musicais realizados na corte imperial, o que foi feito por Hayashi Hromori que se utilizou da escala tradicional usada no *gagaku*. O maestro alemão Franz Eckert, contratado pela marinha, fez um arranjo vocal de quatro partes e o novo hino nacional, conhecido até hoje, foi executado no palácio imperial no aniversário do Imperador Meiji, em 3 de novembro de 1880 pela primeira vez (<http://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/bandeira.html>).

O *Hinomaru* e o *Kimigayo* fazem parte das cerimônias de feriados nacionais, de cerimônias comemorativas públicas e de boas vindas aos visitantes oficiais estrangeiros. Além disso, o *Hinomaru* é exibido por muitos japoneses na porta de entrada de suas residências durante os feriados nacionais. Quando equipes japonesas se apresentam em eventos esportivos internacionais, a música de *Kimigayo* é executada. Também nos torneios de sumô, considerado por muitos como o esporte nacional do Japão, ela é executada antes da cerimônia de premiação (<http://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/bandeira.html>).

O amplo uso do *Hinomaru* e o *Kimigayo* fez com que a Assembleia Legislativa do Japão ((Diet) reconhecessem-nos como a bandeira e o hino nacional através de uma Lei promulgada em 9 de agosto de 1999 (<http://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/bandeira.html>.)

O Selo Imperial

O símbolo ou brasão representam o poder e a nobreza e, no Japão, o imperador era visto como um símbolo divino e suas ordens eram interpretadas como ditas pelos próprios deuses xintoístas. Devido a sua importância, a casa imperial adotou um selo que o representasse em todo o território japonês e que tivesse um significado para todos. Por isso, para o selo imperial foi escolhida uma flor, o crisântemo amarelo, que possui vários significados e implica em inúmeros adjetivos. Conforme crenças orientais, ela afasta o mau agouro e é considerada a flor da longevidade. Segundo a lenda, se se colocar uma única pétala da flor no fundo de uma bebida traz vida longa e saudável para quem bebê-la. Os japoneses tomam saquê feito dessa flor (<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/japao/bandeira-do-japao.php>.)

Na filosofia do *Sumi-ê* (estilo de pintura japonesa), o crisântemo antecipa o inverno e desafia o frio do outono, remete à perseverança, lealdade e modéstia; a flor representa a busca que o ser humano faz pelo aprendizado para crescer espiritualmente, ligado artisticamente com a visão abrangente da vida. Pelo seu formato em círculo, ela ainda representa a vida familiar (GAKUSEI, 2009).

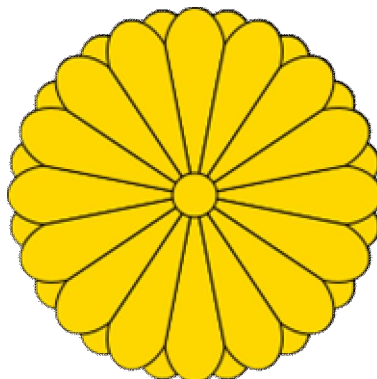


Fig. 2 - O Selo Imperial

Fonte: Gakusei, 2009

Gakusei (2009) explica que o crisântemo foi introduzido no Japão pelos budistas, tornando-se o símbolo do país, comparada com o sol nascente e desde 1100 ele passou a ser o emblema da casa imperial japonesa. No início, foi usado por uma classe nobre que servia ao imperador, os Kuge. A flor era estampada em materiais, objetos e meios de transporte ligados ao imperador, mas foi só no período do shogunato de Tokugawa que ela foi fixada à casa imperial japonesa.

Esse brasão compõe-se de 16 pétalas dianteiras e mais 16 traseiras que ficam parcialmente cobertas, na cor predominantemente amarela com algumas versões em laranja, com linhas geralmente pretas que alguma vezes são apresentadas em vermelho (GAKUSEI, 2009).

Esse selo foi designado apenas para o imperador no período Meiji, segundo Gakusei (2009), por isso seu trono era conhecido como “O Trono do Crisântemo”, mas outros nobres usavam-no com variações com menores números de pétalas ou tons de cores diferentes. Nos santuários xintoístas também era usado uma versão do crisântemo imperial. Embora a bandeira esteja associada ao sol, sua esfera vermelha está relacionada a essa flor despojada de suas pétalas, ou seja, o coração do crisântemo.

2.3 A Capital

Antigamente a capital do Japão, ou seja, a cidade onde está localizada a sede do governo nacional ficava a oeste. No ano de 710, era Nara; em 794, passou para Kyoto, que foi a capital durante muitos séculos. Nesse período, muitas formas de arte e artesanato foram criadas nessa cidade e se construíram belos templos, palácios e jardins. Em 1868, a capital foi transferida para Edo, no leste do Japão, cujo nome foi mudado para Tóquio (que significa capital oriental) e que é a atual capital do Japão (www.culturajaponesa.com.br).

2.4 O Sistema Educacional Japonês

A ocidentalização do Japão, esclarece Maciamo (2004), começou na Era Meiji (1868-1912). Antes, as escolas geralmente eram para os ricos e regulamentadas pelo governo mas, nesse governo Meiji, instituiu-se o sistema educacional baseado nos moldes americanos, franceses e alemães. As universidades e escolas de nível

primário e médio surgiram em 1872, quando tornaram-se obrigatórios quatro anos de estudo de nível elementar para meninos e meninas, embora as matrículas não tenham ultrapassado 25% a 50% na primeira década desse sistema. Em 1905, 98% dos meninos e 93% das meninas em idade escolar estavam matriculados e 10% da população já formada na primeira fase do ensino fundamental (primário) passa para a segunda fase do fundamental (ginasial) e apenas uma minoria chegava ao ensino médio. A partir de 1899, o governo pediu que todas as províncias instituíssem uma escola de nível médio para meninas.

O sistema educacional Meiji rapidamente tornou-se centralizado pelo Estado, apresentando um currículo de caráter moralista, promovendo idéias confucionistas de fidelidade ao estado, piedade filial, obediência e amizade, valores conservadores que foram formalizados em 1890 através do Édito Imperial e Educação. Toda escola japonesa devia colocar um retrato do imperador em seus altares xintoístas. Em 1907, o Ministério da Educação estendeu o ensino básico obrigatório para seis anos e fez uma adaptação do currículo, mostrando a importância do imperador e do nacionalismo (MACIAMO, 2004).

Após a Segunda Guerra Mundial, as forças de ocupação americanas fizeram as autoridades japonesas alterarem a promoção do nacionalismo, a lealdade ao imperador e a propaganda de guerra visando promover a paz e a democracia. Em 1947, o ensino básico obrigatório foi estendido em mais três anos. Os japoneses tinham que freqüentar a escola até os 15 anos (fim da segunda fase do ensino fundamental), o que continua até hoje. As mulheres tiveram acesso às universidades públicas e privadas. Foram criadas mais universidades e o nome "imperial" foi retirado das elitistas universidades de Tóquio e de Kyoto. As universidades japonesas mais famosas são a Universidade de Tóquio (Todai), a Universidade de Kyoto (Kyodai), a Universidade de Keio e a Universidade de Waseda (MACIAMO, 2004).

O sistema educacional japonês vigente é o americano estabelecido pelos próprios americanos após a Segunda Guerra Mundial, constituído por seis anos de escola elementar (*shōgakkou*), três anos de ginásio (*chūgakkou*), três anos de colégio (*koukou*), e mais dois anos de ensino técnico superior (*tankidaigaku* ou *kareji* - do inglês "college"), ou quatro anos de universidade (*daigaku*). As aulas geralmente começam às 8:30 da manhã e terminam às 3:50 da tarde. No primário, as aulas duram 45 minutos, com uma pausa de 10 minutos entre uma aula e outra. A partir da

segunda fase do fundamental, as aulas duram 50 minutos. Os alunos vão à escola aos sábados duas vezes por mês, das 8:30 da manhã ao meio dia e meio. Oficialmente há 35 semanas de aula por ano. Há nove matérias regulares no ensino básico japonês: língua japonesa, estudos sociais, matemática, ciência, estudos ambientais, música, arte e artesanato, conhecimentos domésticos e educação física. Embora o ensino seja obrigatório até a idade de 15 anos, 90% das pessoas completam o ensino médio e 40% se formam no técnico superior ou na universidade. O número de alunos do sexo masculino é maior nas universidades, enquanto no técnico superior a proporção maior é de alunas (MACIAMO, 2004).

No Japão, há escolas públicas e privadas de todos os níveis, que não são totalmente gratuitas, mas as escolas públicas são bem mais baratas que as particulares. Muitas escolas elementares, primárias e de nível médio são públicas, enquanto a maioria dos jardins-de-infância (maternal e pré-escola), escolas técnicas e universidades são particulares. Existe também uma "educação paralela", que consiste em professores particulares, escolas preparatórias, cursos por correspondência, cursinhos e outros. Os mais famosos são os cursinhos chamados de *juku* (literalmente "escola abarrotada"), divididos em "*juku* de enriquecimento intelectual", cursados por mais de 75% dos alunos da segunda fase do ensino fundamental e 25% dos estudantes colegiais, e "*juku* acadêmico": eles têm o mesmo currículo das escolas comuns. Os "*jukus* acadêmicos" são subdivididos em *hoshuu juku* (cursinho de revisão) e *shingaku juku* (cursinho de avanço), este último preparatório para exames de entrada em escolas mais disputadas e universidades (MACIAMO, 2004).

Quando trocam de instituição escolar, os alunos prestam exames para entrar em escolas ginasiais, colégios e universidades. No caso de escolas públicas e de universidades, os alunos sempre têm de fazer exames de admissão. Os *juken*, exames de admissão das universidades ou vestibulares, chamados popularmente de *shiken jigoku* (inferno de exames), são bem difíceis. Os estudantes reprovados nos *juken* tornam-se *rōnin*, palavra antiga que designava um samurai sem mestre ou patrão. O *youbikou* (cursinho universitário) prepara esses alunos para os exames de admissão. Algumas escolas particulares oferecem ensino do jardim-de-infância à universidade. Nestes casos, os alunos só fazem um exame de admissão ou entrevista para entrar na escola, é o "sistema elevador", que significa que, se o

estudante entra na instituição, ele sobe automaticamente para o próximo patamar, até graduar-se na universidade (MACIAMO, 2004).

2.4.1 A Escrita e os Símbolos Japoneses

A escrita japonesa utiliza-se de símbolos como letras ou palavras com significados importantes que representam o amor, paz, felicidade e até mesmo o dragão. Esses símbolos são muito usados em tatuagens ou como estampas de camisetas, utilizadas no mundo inteiro. A escrita é feita de cima para baixo e da direita para a esquerda. Atualmente há no Japão três escritas diferentes: o *Katakana*, os *Kanjis* (ideogramas de origem chinesa) e os silabários mais conhecidos como *Hiragana* (<http://www.alienado.net/simbolos-japoneses/>).

2.5 Alimentação

A culinária japonesa é reconhecida internacionalmente por ser rica e saudável, e sua cozinha caseira é reconhecida atualmente como a versão oriental da cozinha de bistrô francesa, por apresentar conceitos similares, pois têm sabores e aromas que lembram a infância, os ambientes familiares e reuniões com amigos. Os pratos são preparados lentamente, têm muito sabor e preparados em poucas quantidades, sempre com ingredientes frescos (SATO, 2007).

Como seus ingredientes são importados e cultivados em pequenas quantidades, é uma culinária cara que exige preparação cuidadosa, explica Sato (2007). A refeição típica japonesa é composta de arroz, vegetais, uma sopa feita com pasta de feijão de soja (*miso*), pickles e peixe ou carne. O tempero usado é o molho de soja (*shoyu*) e as algas secas (*nori*) são deliciosas, apresentadas em fatias finas, verdes e crocantes tornam-se comidas com arroz. As algas marinhas também são muito consumidas porque são saudáveis e contêm muito iodo.

A comida tradicional japonesa composta por peixes, frutos do mar e vegetais bem fritos (*tempurá*) foi introduzida no século XVI por comerciantes japoneses (SATO, 2007). O peixe pode ser cozido de diversas maneiras. Um prato famoso são as fatias finas de peixe cru (*sashimi*) com rabanete. Usa-se também colocar fatias de

peixe cru sobre bolinhos de arroz cuidadosamente moldados e temperados com vinagre (*sushi*).

Tanto a culinária francesa quanto a japonesa sofrem influências regionais variando o sabor, por isso a culinária japonesa apresenta duas principais linhas regionais gastronômicas: a de *Kantô* e a de *Kansai*. *Kantô* significa “a leste do portal”, uma das regiões japonesas mais populosas e industrialmente desenvolvidas que inclui as cidades de Tóquio, Yokohama e Kawasaki, com intensa vida urbana e gostos burgueses. Devido ao caráter metropolitano da região, aberto a novidades e influências externas, a culinária de *Kantô* apresenta preferência por sabores fortes e marcantes (é bastante condimentada) e usa muitos ingredientes importados, como a manteiga (SATO, 2007).

Kansai significa “a oeste do portal”, região com fronteiras mal definidas e inclui as cidades de Osaka, Kobe e Kyoto, a antiga sede da corte imperial por mil e duzentos anos. Região de grande influência da estética zen-budista, apresenta gostos aristocráticos, com uma culinária tradicionalista que prioriza os ingredientes naturais e evita excesso de temperos e gordura. Os pratos dessa região têm uma apresentação leve e bela, e os caldos e consomês são claros e sutis no sabor (SATO, 2007).

Até cem anos atrás, segundo Sato (2007), carne não era consumida no Japão, mas atualmente eles comem galinha, carne de boi ou de porco. O *yakitori* é feito com pedaços de galinha assada. O *sujiyaki*, feito de carne cozida com vegetais e coalho de feijão de soja (*tofu*), é servido numa panela na própria mesa: cada pessoa mergulha os pedaços na panela e se serve.

Outro alimento muito popular no Japão, explica Sato (2007), são os macarrões (*soba*, *udon*), geralmente substitutos do arroz, servidos em tigelas fundas de sopa quente cobertos de carne ou peixe e vegetais. Uma refeição refrescante para o verão é o macarrão frito mergulhado em molho.

A bebida favorita japonesa é o chá verde (*o-cha*) que pode ser servido quente e puro, sem nenhuma outra adição. É tomado após as refeições e em todas as reuniões.

Há comidas de quase todas as partes do mundo no Japão, mas as mais populares são as chinesas, espaguete, bife, hambúrgueres, o churrasco coreano e caril; os jovens, como todos os jovens do mundo, atualmente, preferem o *fast food*.

No Brasil, muitas cidades possuem mercearias especializadas em comida oriental e alguns supermercados comercializam alguns ingredientes para comida japonesa. A maior variedade desses ingredientes é encontrada na cidade de São Paulo por causa da grande presença de imigrantes asiáticos e descendentes (SATO, 2007).

2.6 Plantas

Devido à diversidade das terras e do clima no Japão, ali existe uma variedade imensa de plantas. Flores e árvores têm um importante significado na cultura japonesa. As flores de cerejeira (*sakura*) caem poucos dias após florescerem, mas são a lembrança poética da rápida mudança do mundo. O pinheiro (*matsu*) simboliza vida longa. O bambu (*take*), devido a sua força e flexibilidade, representa a habilidade para superar as dificuldades e crescer com força (www.culturajaponesa.com.br).

Abaixo são apresentadas as plantas que caracterizam o Japão.

2.6.1 A Flor de Cerejeira – Símbolo do Japão

A flor símbolo do Japão é a da cerejeira, em japonês *Sakura*, que é cultuada e respeitada como a própria bandeira japonesa ou o hino nacional. Segundo uma lenda, *Sakura* vem da princesa Knochama Sahuya Hime que caiu do céu nas proximidades do monte Fuji, transformando-se numa bela flor. Outra explicação dá sua origem na cultura do arroz, já que *Kura* significa depósito onde se guardava arroz, alimento básico dos japoneses, considerado dádiva divina (<http://www.flordecerejeira.com.br/sakura.asp>).

A cerejeira, da família das rosáceas, gênero *prunus*, é originária da China e da Índia, cujos cruzamentos de séculos resultaram em muitas variedades que, no Japão, atingem mais de 300. Chegou no Japão há muitos séculos, posto que, no século VII, o imperador Saga promoveu em Kyoto, nos jardins do Palácio Imperial, o *Hanami*, festividade de Apreciação das Flores (<http://www.flordecerejeira.com.br/sakura.asp>).



Fig. 3 – Cerejeira em floração

Fonte: <http://www.flordecerejeira.com.br/sakura.asp>

No Japão, todas as cidades têm uma associação de cerejeiras, cujo presidente geralmente é o prefeito. A Associação das Cerejeiras do Japão é a *Nihon Sakura No Kai*, cujo presidente é o próprio Presidente da Dieta.

Mais de cem milhões de japoneses aguardam com ansiedade a florada das cerejeiras, que é um acontecimento nacional e que dura apenas alguns dias, por isso os meios de comunicação junto com o serviço de meteorologia anunciam as localidades das floradas. É um grande acontecimento para o Japão, por isso a *Nihon Sakura No Kai* patrocina uma reunião nacional com muitos prefeitos e presidentes das Associações, quando várias cidades japonesas apresentam suas rainhas de cerejeiras.

Durante sete anos consecutivos, o Brasil também apresentou suas rainhas através da Associação das Cerejeiras do Brasil. Além do Brasil, outros países como os Estados Unidos também festejam a florada da cerejeira. Nesse país, o Governo Japonês doou, em 1912, para comemorar a amizade entre os dois países, 3.000 mudas, o que deu origem ao *Washington National Cherry Blossom Festival* com quase 8.000 cerejeiras (<http://www.flordecerejeira.com.br/sakura.asp>).

2.6.2 Bonsai – a Árvore Anã

Bonsai é uma árvore ou arbusto, com dimensões reduzidas, plantado em um vaso de pequena profundidade; é uma réplica artística de uma árvore natural em

miniatura, que representa a união da vida com a arte, agrotécnicas e tempo. A palavra, proveniente do japonês, significa “árvore em bandeja” (<http://www.japaoemfoco.com/oque-e-um-bonsai/#ixzz2HiSuQQ2j>)

.Quase todas as árvores e arbustos se prestam a fazer um bonsai, porém os melhores são as que têm folhas e galhos pequenos e naturalmente densas e compactas, características que ajudam a criar uma melhor ilusão de escala, tornando a planta mais proporcional. São boas espécies para bonsai: Pinheiro-japonês, mini-romã, cerejeira, jabuticaba, Jequitibá, pitanga e azaléa como o bonsai mostrado abaixo.

O tronco e os galhos do bonsai podem ter um formato modelado através da aramação (colocação de arames) que, mantida por um ano ou mais, ajudam os galhos a se estabilizar no formato desejado.

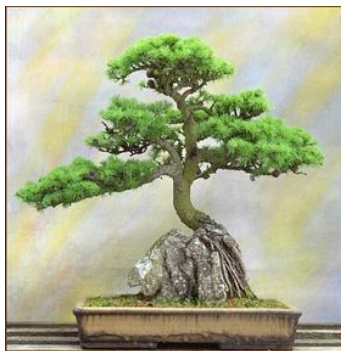


Fig. 4 - Bonsai

Fonte: <http://www.japaoemfoco.com/oque-e-um-bonsai/#ixzz2HiSuQQ2j>

O cultivo do bonsai começou na China e nos últimos vinte anos, se espalhou não só no Oriente, mas pelo mundo inteiro; comercialmente tornou-se mercadoria de altíssimo valor. De acordo com seu tamanho, os bonsais recebem os seguintes nomes: mame: menores de 15 cm.; pequenos: de 15 a 30 cm.; médios: de 30 a 60 cm.; e grandes: acima de 60 cm.

Conforme o seu estilo, os bonsais são chamados de (<http://www.flordecerejeira.com.br/sakura.asp>):

Chokan: Estilo ereto formal. A árvore apresenta um tronco reto, que vai diminuindo de espessura gradualmente, da base ao ápice. Os ramos devem ser simétricos e bem balanceados.



Fig. 5 – Bonsai Chokan

Fonte: <http://www.japaoemfoco.com/oque-e-um-bonsai/#ixzz2HiSuQQ2j>

Moyogi: Estilo ereto informal. O tronco é sinuoso e se inclina-se em mais de uma direção à medida que progride para o ápice. A árvore deve dar a impressão de um movimento gracioso.



Fig. 6 – Bonsai Kengai

<http://www.japaoemfoco.com/oque-e-um-bonsai/#ixzz2HiSuQQ2j>

Shakan: Estilo inclinado. O tronco apresenta-se reto ou ligeiramente sinuoso e se inclina predominantemente em uma direção.



Fig. 7 – Bonsai Shakan

Fonte: <http://www.japaoemfoco.com/oque-e-um-bonsai/#ixzz2HiSuQQ2j>

Kengai: Estilo cascata. A árvore se dirige para fora da lateral do vaso e então se movimenta para baixo, na direção da base do vaso, ultrapassando a sua borda. Os vasos nesse estilo são estreitos e profundos.

Han-kengai: Estilo semi-cascata. Semelhante ao anterior, porém a árvore se dirige para fora da lateral do vaso, mas não segue para a base do vaso.

Fukinagashi: Varrido pelo vento. A árvore tem ramo e tronco inclinados como que moldados pela força do vento.

Próximo de Omiya, existe uma Aldeia de Bonsai, uma das maiores fazendas que cultivam essas mini-árvores onde quatorze agricultores dedicam-se a essa arte refinada que simboliza o universo da natureza em uma árvore em miniatura, cultivada em um vaso e podada cuidadosamente (<http://www.japaoemfoco.com/oque-e-um-bonsai/#ixzz2HiSuQQ2j>).

2.7 Pontos Turísticos

Tradições milenares, uma história rica e seu grande desenvolvimento tornaram o Japão um pólo turístico devido a seus monumentos históricos, galerias de arte, parques, museus, belezas naturais e arquitetura antiga

(http://www.suapesquisa.com/paises/japao/pontos_turisticos_japao.htm). Aqui se destacam os seguintes pontos turísticos.

O Monte Fuji tem uma topografia que permite uma visão de perto. É um vulcão cônico quase perfeitamente cônico que aparece em muitas obras de arte há anos, por isso considerado símbolo nacional do Japão (<http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.guiadovianjante.info/blog/wp-content/uploads/2011/07/pontos-turisticos-japao.jpg>). .



Fig. 8 - Monte Fuji

Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.guiadovianjante.info/blog/wp-content/uploads/2011/07/pontos-turisticos-japao.jpg>

O Jardim Sakein é um lindo jardim japonês que ocupa uma área de 180m². Tem flores em todas as estações e construções de alto valor histórico de outras localidades foram levadas para esse jardim. É considerado patrimônio cultural (<http://www.japaoemfoco.com/oque-e-um-bonsai/#ixzz2HiSuQQ2j>).

Considerada patrimônio cultural, Sendai é a capital da província de Miyagi, centro cultural, político e econômico da região. Tem a seu redor a ilha de Kinkanzan, uma cidade com belezas naturais que conta com o festival das estrelas, Tanabata, um dos maiores acontecimentos do Japão. O Jardim Sakein é um lindo jardim japonês que ocupa uma área de 180m². Tem flores em todas as estações e construções de alto valor histórico de outras localidades foram levadas para esse jardim (<http://www.japaoemfoco.com/oque-e-um-bonsai/#ixzz2HiSuQQ2j>).

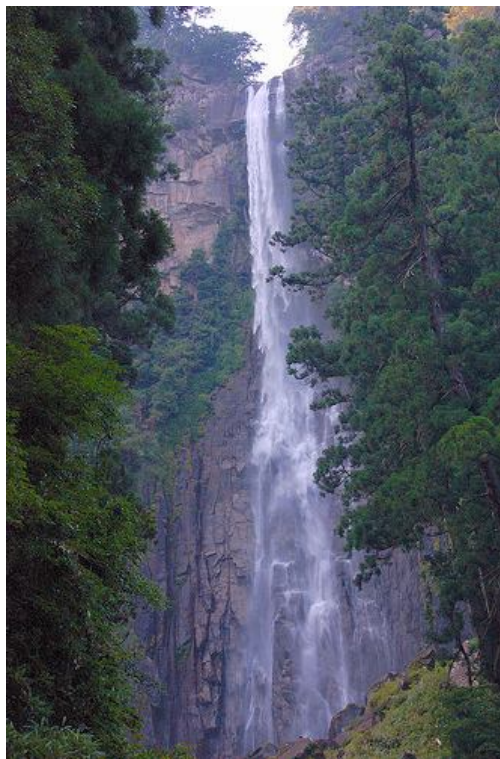


Fig. 9 - *Kii Serra*

Fonte: <http://www.maisbonitos.com.br/japao-os-lugares-mais-bonitos-e-mais-visitados/>

Foi na Cordilheira *Kii*, da foto acima, que o deus do xintoísmo e do budismo viveram, segundo a lenda, por isso ela é considerada um dos lugares mais espiritualizados do Japão (<http://www.maisbonitos.com.br/japao-os-lugares-mais-bonitos-e-mais-visitados/>).

O *Ginkakuji Temple*, ou Templo do Pavilhão de Prata é do século XV. Localizado em Kyoto, foi construído para descanso e meditação para o Shogun. Seu fundador pretendia fazer sua estrutura principal em prata, mas não conseguiu. Seu nome provém do “Mar de Areia de Prata”, um jardim de areia, que é sempre mantido seco e por isso brilha ao luar, como se fosse prata (<http://www.maisbonitos.com.br/japao-os-lugares-mais-bonitos-e-mais-visitados/>)



Fig. 10 - *Ginkakuji Temple*, ou Templo do Pavilhão de Prata
Fonte: <http://www.maisbonitos.com.br/japao-os-lugares-mais-bonitos-e-mais-visitados/>

O Templo *Kinkakuji*, ou Pavilhão *Golden Temple*, um dos locais mais populares de Kyoto, está rodeado pelo *Kiokochi* (lago espelhado). Só o andar térreo que não é coberto de folha de ouro puro. No telhado existe uma *fenghuang* dourada (fênix chinesa). Em 1950, um monge mentalmente perturbado incendiou-o, estragando o revestimento que recentemente recebeu uma nova cobertura de ouro, mais espessa que a original. Houve também a restauração das pinturas. O telhado foi restaurado em 2003 (<http://www.maisbonitos.com.br/japao-os-lugares-mais-bonitos-e-mais-visitados/>).



Fig. 11 - Templo *Kinkakuji*, ou Pavilhão *Golden Temple*

Fonte: <http://www.maisbonitos.com.br/japao-os-lugares-mais-bonitos-e-mais-visitados/>

O Japão possui ainda inumeráveis outros pontos turísticos, como o Castelo de *Himeji-jo*, do Período Sengoku e, por isso, considerado Tesouro Nacional e classificado pela UNESCO como Patrimônio Mundial da Humanidade. Localizado na cidade de Himeji, província de Hyogo, apresenta um exterior branco brilhante e é um complexo palaciano com 82 edifícios de madeira. Junto com o *Matsumoto-jo* e o *Kumamoto-jo*, forma os “Três Famosos Castelos” do Japão; é o mais visitado (DANIELE, 2011).

Nara, de grande significado político na época porque era a capital do Japão em 710, proporcionou a construção de vários museus e monumentos, em sua maioria ainda existentes (<http://www.maisbonitos.com.br/japao-os-lugares-mais-bonitos-e-mais-visitados/>).

Yakushima, localizada na costa sul de Kyushi, é uma ilha toda coberta por uma floresta de cedros e que possui algumas das árvores mais antigas do Japão (<http://www.maisbonitos.com.br/japao-os-lugares-mais-bonitos-e-mais-visitados/>).

O Castelo de Himeji também merece destaque como o mais maravilhoso (<http://www.maisbonitos.com.br/japao-os-lugares-mais-bonitos-e-mais-visitados/>).

Todas essas riquezas arquitetônicas, na maioria milenares, demonstram que visitar o Japão é garantir cultura e conhecimento para toda a vida.

3 A ARTE JAPONESA

A arte japonesa, desde os tempos arqueológicos, apresentou características bem específicas, embora tenha sofrido influências externas, assimiladas e transformadas de uma peculiar forma japonesa de se expressar. A partir do século XVI, espanhóis e italianos tiveram contato com a produção artística japonesa que, mesmo assim, continuou sendo um mistério durante séculos. A partir desse contato, jesuítas portugueses juntaram-se a artesãos locais para fabricar biombos, painéis e móveis de fino acabamento (*nambans*) em lacas com preciosa decoração a ouro e as porcelanas *imari* e *arita* que foram enviadas às cortes européias desde o século XV (SILVA, 2013).



Fig. 12 – Arte Japonesa Antiga

Fonte: Silva, 2013

Madame Butterfly, ópera de Puccini, estreou em 1904 em Milão e conta a história trágica do amor de um norte americano com uma japonesa. A peça aguçou a curiosidade e, motivados pelo exotismo, colecionadores, comerciantes e aventureiros ocidentais foram em busca dos tesouros artísticos do Japão. A beleza das xilogravuras de Harunnobu (1725-70), Utamaro (1753-1806), Hokusai (1760-1849) e Hiroshige (1797-1858) chamou a atenção dos intelectuais europeus, principalmente os franceses, exacerbando o japonismo, ou seja, o gosto nipônico na produção artística (SILVA, 2013).

A arte japonesa, dividida em períodos, é feita por Silva (2013), Henshall (2008) e consta também em http://www.pitoresco.com.br/art_data/japonesa/.

Período pré-budista

Antes do século VI, características exclusivamente nipônicas preenchem a cultura primitiva japonesa e alguns poucos exemplos da arte pré-budista expressas na *haniwa*, figuras fúnebres de argila, e nos *dokatu*, sinos de bronze cobertos de inscrições. Esse período dividiu-se em três fases. Na *Jomon* (de 2.500 a.C até o século III a.C.) a arte se resumia em peças cerâmicas (vãos e pequenas figuras) com decorações estriadas. Na *Yayoi* (do século III a.C. ao III d.C.) a cerâmica era avermelhada e mais fina, havia ainda o *dotaku*, espelhos, objetos de vidro e jade. Entre os séculos III e VI, Influência da Coréia estabeleceu uma cultura eneolítica coreano-japonesa: ambos os países apresentaram objetos de bronze idênticos como espadas, punhais, espelhos circulares e outros. Na época Tumular ou *Kofun* (de 250 a 500 d.C) foram construídos grandes túmulos como a tumba de Nintoku Teano com paredes cobertas de pinturas policrômicas rudimentares que representam sóis, triângulos e espirais. Diversas *haniwa* foram encontradas perto dos túmulos nas cercanias de Yamoto.

Período Asuka (552-710)

O budismo foi introduzido no Japão a partir do século VI, no período Asuka, com grande florescimento das artes em geral. A escultura foi influenciada pelas artes chinesas *Wei*, *Sui* e *Tang* que, no final desse período, adquiriu suas peculiaridades tornando-se mais sensível e graciosa.



Fig. 13 – Arte Japonesa do Período Asuka
Fonte: Silva, 2013

Período Nara (710-794)

Quando Nara virou a capital, tornou-se o maior centro cultural no século VIII com florescimento da escultura e edifícios em tons nuançados (*ungen*). As estátuas imponentes, belas e realistas pareciam ter movimento real. Os materiais mais usados eram a madeira pintada, laca, bronze, argila e papel *marché*. Máscaras grotescas eram usadas nas danças cômicas do *gigaku*.



Fig. 14 – Arte Japonesa do Período Nara
Fonte: Silva, 2013

Período Heian (794-1185)

Quando Kioto, em 794, tornou-se a capital em 794, a arte japonesa se libertou da influência chinesa porque a dinastia Tang estava se enfraquecendo na China. A seita *shigon* inspirou importantes obras de arte, mas que foram, mais tarde, quase todas destruídas. Houve o florescimento das artes reforçadas pela família Fujiwara, que construiu Kioto, e que impôs um modelo estético cheio de leveza e elegância, com policromia, com figuras humanas de finura aristocrática, com linhas predominantemente femininas. Uma planta em T do pavilhão do Fênix no templo *Boydoin*, entre Quioto e Nara, reproduz os palácios místicos do céu e ostenta um Amida de Jocho, escultor do Buda que marcou a escultura religiosa do século XIX.



Fig. 15– Arte Japonesa do Período *Heian*
 Fonte: Silva, 2013

O estilo *Kose* foi criado pelo maior pintor do século IX, Kose Kanaoka. Tornou-se comum ilustrar poemas e contos. Pinturas em rolos de papel permitiam que elas se desdobrassem, dando a sensação de movimento no espaço e sucessão no tempo. Foi no século XII que começou a prática de incrustar os olhos das estátuas. A pintura Fujiwara, também desse período, usava cores intensas que eram realçadas por folhas de ouro recortadas (*kirikane*). Uma pintura narrativa puramente japonesa, *yamoto-e*, criada pelo pintor Tosa, começou a ser usada na escola de Kasuga.

Período *Kamakura* (1192-1333)

A família Fujiwara caiu e Minamoto Yoritomo estabeleceu o shogunato, começando o período Kamakura. As esculturas de Unkei como Os patriarcas da seita Hossō, Os 12 acólitos de Fudo e A trovoadas e o vento, as pinturas em rolo (*embaki*), ainda próximas da arte chinesa do período *Sunga* e nas máscaras do *bugaku*, dança que substituiu o *gigaku*, expressavam a simplicidade na observação e expressão da natureza dos guerreiros que governaram o Japão nos 700 anos seguintes. A pintura monocromática de paisagens sofreu a influência chinesa (principalmente *Sing* e *Yüan*) por causa do reatamento que houve com esse país e com a introdução do zen-budismo.



Fig. 16 – Arte Japonesa do Período *Kamakura*
 Fonte: Silva, 2013

A pintura narrativa produziu grandes como *Ben-Dainagon*, *Shigizan-engi* e *Taemamandara no engi* que apresentavam efeito quase fotográfico e foram produzidas em rolos de cerca de 50cm por 9 a 12m. O *Yamoto-e*, do século XIII, superou os rolos chineses e narra acontecimentos históricos, biográficos e religiosos. O retrato tornou-se uma arte que também mostrava o novo realismo.

Período *Muromachi* (1338-1573)

Quioto voltou a ser a capital do país com a hegemonia da família guerreira Ashikaga. A vida simples dos samurais foi substituída pelo zen-budismo que prestigiou o desenvolvimento das artes. A cerimônia do chá (*cha-no-yu*) ajudou uma grande e rápida evolução das porcelanas dentre as quais a *Imari* e *Satsuma* mostram a influência chinesa; suas formas deviam ser apreciadas com os olhos e as mãos.



Fig. 17 – Arte Japonesa do Período *Muromachi*
 Fonte: Silva, 2013

O Suiboku foi uma pintura da época bastante ligada ao zen-budismo: usava aguadas e nanquim em preto e branco. Nesse estilo de pintura, surgiram o pintor Shubun e também Sesshu, cujo estilo mais pessoal tornou-o conhecido como “o pintor da chapada de tinta”. Quando a pintura budista começou a diminuir, Kano Motonobu criou a escola de pintura Kano que dava um toque japonês a um estilo essencialmente chinês.

Período Momoyama (1574- 1603)

O estilo sério *Ashkaga* foi substituído por uma arte extremamente vívida e brilhante. Artistas da segunda e terceira geração da escola Kano criaram painéis desdobráveis de sete faces (no Ocidente os biombos) para ornamentar palácios e castelos, como o de *Momoyama*, com representações de cenas populares, samurais, mulheres e paisagens. Porém no século XVI, o cristianismo introduzido pelos portugueses, influenciou as artes trazendo temas cristãos para a pintura japonesa como o *Retrato de São Francisco Xavier* (Museu de Kobe) e *Os 15 mistérios do rosário* (coleção Azuma), embora as pinturas *namban* (dos bárbaros sulinos) produzissem cenas em estilo europeu. Os muralistas Eitoku, Chockuan e Sanraku, pintores japoneses, não sofreram influência ocidental. A pintura usada no início do teatro profano (*tagasode*) foi influenciada pela escola Tosa. E Sotatsu, junto com Honami Koetsu (excelente calígrafo, ceramista, pintor, gravador e poeta) fundaram uma escola totalmente essencialmente nipônica.



Fig. 18 – Arte Japonesa do Período *Momoyama*
Fonte: Silva, 2013

Período *Edo* (*Ukiyo-e*) (1603 a 1868)

Dominado pela família guerreira dos Tokugawas, o período *Edo* dominou por mais de 250 anos e escolheu a cidade de Edo (mais tarde Tóquio) como capital. No começo de 1630, os cristãos e estrangeiros foram expulsos do país, isolacionismo que empobreceu as artes. Ogata Korin e Ogata Kenzan tentaram revitalizar a pintura, e Ike Yosa Buson e Uragami Gyokudo Taiga foram os melhores representantes da escola sulina *Nanga*. A escola *Maruyama*, também chamada de *Shijo*, pregava o estudo da natureza. A quarta geração Kano teve como mestre Tosa Mitsuoki, que se inspirou na Idade Média e em assuntos chineses. O movimento artístico *Ukiyo-e*, criado por Hishikawa Moronobu, aconteceu após o Japão se abrir para o Ocidente (1867). Esse nome vem de um provérbio japonês do século XVIII (o mundo inspira desgosto) e foi a mais importante manifestação japonesa, imortalizado através da estampa, pelas impressões em blocos de madeira e pelas cenas da vida cotidiana. Teve grande influência no Ocidente e ficou conhecida como japonismo, principalmente sobre os impressionistas franceses, como Toulouse-Lautrec, Edgar Degas, Vincent van Gogh, James McNeill Whistler, bem como os artistas gráficos conhecidos por «Les Nabis»..



Fig. 19 – Arte Japonesa do Período *Edo*
Fonte: Silva, 2013

Ukiyo era o nome dado ao estilo de vida japonês nos centros urbanos, com seus figurinos, a alta sociedade e os prazeres da corte. Seu principal tema foi a *bijinga* (mulher bonita) e representou festas, cenas galantes e o teatro profano para a burguesia.

A princípio, essa arte usava o contraste entre o preto e o branco, com uma tonalidade alaranjada (*tan-e*), depois foram introduzidos efeitos do vermelho, laranja, amarelo e púrpura (*urushi-e*), acrescentando-se posteriormente o vermelho e o verde (*benizuri-e*) e outras dez tonalidades (*nishiki-e*). Sobressaíram, então, Kyionobu, Suzuki Harunobu, Koriyusai, Kiyonaga, Sunsho e Sharaku (os dois últimos famosos por seus relatos de atores), Kitagawa Utamaro (figuras femininas), Katsushika Hokusai e Ando Hiroshige (paisagens) e Igusa Kuniyoshi (figuras humanas).

Período Meiji (1868-1912)

Então o Japão começou a assimilar outras culturas, ligando tradição e modernidade. A princípio, houve repressão às artes tradicionais, mas Ernest Fenollosa, erudito americano, e Okakura Kakuzo, crítico de arte, uniram governo e artistas no sentido de revitalizar o espírito de criação e preservação do patrimônio cultural do país. As artes gráficas japonesas foram revigoradas no século XX, quando um grupo de jovens gravadores, liderados por Yamamoto Kanae, foi treinado no Ocidente. A pintura ocidental foi influenciada, através dos Estados Unidos, pelo abstracionismo informal de Kosaka Gajin. A fama internacional das pinturas japonesas aconteceu graças aos primeiros grandes inovadores como Yukey Tejima e Yuchi Inuie. Maeda, Yoshisighe Saito e Tadamaro Nogami receberam prêmios internacionais. Nos séculos XVII a XIX, a cerâmica, existente desde a época de Nara, chegou a seu apogeu.



Fig. 20 – Pratos do Período *Meiji*

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u68235.shtml>

No fim do período *Muromachi*, a cerimônia de chá já contava com bules do ateliê *Ashiya*. No século XVII, os palácios *Momoyama* e os mausoléus dos Tokugawa tinham peças rebuscadas de bronze dourado ou esmaltado. A laca só foi usada em objetos de utilidade. No período *Muromachi*, há caixas de remédio em lacre preto e ouro fosco. As máscaras de laca para o teatro *nô*, muito populares no início do século XV, desapareceram.

Atualmente

A arte japonesa parece mal compreendida no Ocidente, porque se baseia em princípios estéticos como o do *miyabi* (elegância refinada), *mono no aware* (pathos da natureza), *wabi* (prazer da tranquilidade) e *sabi* (simplicidade elegante), tendo como característica essencial, configurar um mundo de perfeita harmonia e serenidade. Porém com seu reconhecimento universal, atualmente tornou-se patrimônio da humanidade e é considerada excelente no comércio de antiguidades e em leilões especializados. A Segunda Guerra Mundial abriu o mundo para os japoneses, mas sua maneira de criar continua peculiar e sutil (SILVA, 2013).

4 A MODA JAPONESA

É comprovado que os acontecimentos históricos, sóciopolíticos e econômicos influenciam as tendências da moda, pois, conforme afirma Moura (2008), a moda apresenta reflexos e referências tanto da sociedade quanto dos usos e costumes do cotidiano, permitindo, assim, refletir, criar, participar, interagir e disseminar os costumes. O autor acima confirma que as interrelações entre a criação, a cultura e a tecnologia, junto com os aspectos acima citados, permitem desenvolvimento e expressão da moda que “é um dispositivo social, portanto o comportamento orientado pela moda é fenômeno do comportamento humano generalizado e está presente na sua interação com o mundo” (MIRANDA *et al.*, 2001, p. 1). Daí se conclui que a moda tem um papel diferenciador perante os fatos que acontecem em determinada época.

A moda é um processo de transformação incessante, e de tendência cíclica, das preferências dos membros de uma dada sociedade. Essa noção não se limita apenas à indumentária, ainda que seja o mais recorrente exemplo trabalhado. Na história da humanidade, o corpo foi recoberto de maneiras simultaneamente singulares e tribais de acordo com o tempo e o espaço, significando, quase sempre, os sentimentos da época (FREITAS, 2005, p.126).

Quando se fala na moda japonesa e em seus usos e costumes, confirma-se que eles diferem do mundo inteiro. Também o vestuário japonês distingue o Japão de todos os outros países do mundo, como pode se confirmar por sua história.

Segundo a mídia e o mundo *fashion*, os grandes centros divulgadores da moda são Paris, Milão, Londres e Nova York, mas o centro criativo é Tóquio. O conceito de *fashion business* como atividade empresarial globalizada é recente, mas sabe-se que o Japão tem uma cultura do vestuário e que noções de corte e costura integram o programa oficial do ensino fundamental nas escolas. A importância desse *know-how* para o Japão se comprova quando famílias de imigrantes no Brasil preocupavam-se em mandar suas filhas para escolas especializadas famosas como a *Akama Saihō Jogakkou* (Escola Feminina de Corte e Costura *Akama*) e a *Nippaku Saihō Jogakkou* (em português “Escola Internacional de Corte e Costura”) em São Paulo onde elas aprendiam técnicas completas de modelagem, corte, costura e

acabamento, além de japonês, culinária e ginástica – nessa época, poucas mulheres completavam a 4ª série do ensino básico (SATO, 2007).

Em termos de negócios, o mundo da moda no Japão é o principal mercado da Ásia e o segundo mais importante depois da Comunidade Econômica Europeia. O alto consumo da moda no país se deve ao fator econômico, já que o Produto Interno Bruto japonês é muito alto (cerca de US\$33,600.00 *per capita* em 2007) e a distribuição de renda funciona (70% da população economicamente ativa possui renda superior a US\$2 mil por mês e menos de 0,3% vive com menos de US\$1 mil por mês), o que mostra a capacidade de consumo do japonês com condições de estar sempre renovando seu guarda-roupa (SATO, 2007).

A cultura milenar domina a forma de vestir, mas as novidades são muito bem recebidas. Os jovens misturam tradição com tecnologia, modernidade com lolitas de contos de terror do século XIX, invadindo assim as ruas como um *tsunami* de tribos urbanas. Estilos variados de vida correspondem a formas variadas de vestir multiplicando as opções, por isso, em termos de cultura, enquanto o ocidente só tem uma opção, o Japão tem a do estilo ocidental e a de quimonos. A moda jovem pode-se ligar à indústria, a *mainstream*, ou às manifestações espontâneas nas ruas – o famoso *street fashion* nipônico. As revistas especializadas estão separadas por sexo, estilos de vida, temas, faixa etária, e apresentam curiosos catálogos e guias, direcionados aos profissionais da área e ao consumidor final (SATO, 2008).

Desde a década de 1970, Tóquio e Osaka são os centros das tendências da moda para as principais empresas e *maisons* europeias, porque apresentam uma grande variedade de estilos, embora a moda japonesa seja um assunto bastante complexo. Para tanto, é bom tentar entender a evolução dessa moda, a partir do quimono, veste tradicional (SATO, 2008).

4.1 O Vestuário Japonês

O quimono japonês é uma das vestes tradicionais mais conhecidas do mundo e usado indiscriminadamente por todos no Japão até meados do século XIX. Só a partir da Era *Meiji*, quando houve o contato com o Ocidente, houve uma mudança lenta, com a importação de vestidos, ternos e outras modas ocidentais (SATO, 2008).

Outro tipo tradicional de vestuário é o *Happi*, menos conhecido internacionalmente que o quimono. É um quimono curto mais simples, composto por um casaco de manga curta, combinado com calças ou saias - usado por ambos os sexos pelas classes trabalhadoras (SATO, 2008).



Fig. 21 - Happi

Fonte: http://www.culturajaponesa.com.br/htm/moda_kimono_fashion.html

Os calçados japoneses também variam muito. O *tabi* é uma meia de seda, algodão ou couro para ser usada com qualquer tipo de sapato. Ele cobre o tornozelo e tem divisão para o dedão do pé, com abertura voltada para o lado entre as pernas, geralmente usado com o quimono ou outro traje tradicional. A cor mais comum é a branca usada em situações formais como as cerimônias de chá. Os homens geralmente usam o preto ou azul para viajar. Os trabalhadores de construção, fazendeiros e jardineiros e outros tipos de trabalhadores usam freqüentemente um tipo de *tabi* chamado *jika-tabi* que é feito de material mais pesado, mais duro e solas de borracha semelhante a botas e que funciona como calçado para uso em local externo ou interno. Igual ao *tabi*, tem a divisão para o dedão do pé e é fechado atrás para poder ser usado como meias também com qualquer tipo de sapato (MARA, 2009).



Fig. 22 - *Tabi* e *jika tabi*

Fonte: Mara, 2009.

Geta é uma sandália elevada (tem dois suportes na base) montada em blocos de madeira, presa ao pé por um pedaço de tecido que se fixa entre os dedos. É usado por homens e mulheres, com quimono ou *yukata* (quimonos de algodão). Mais informal, geralmente é usado durante o verão e no tempo chuvoso ou quando neva, já que mantém os pés secos. Fazem um ruído característico quando a pessoa anda. Muito usado pelos lutadores de sumô. As sandálias *Zori* são feitas de palha de arroz ou madeira laqueada e usadas em ocasiões formais com kimono. *Waraji*: ocasionalmente pode-se ver um monge budista usando-o. São sandálias feitas de palha e corda que, antigamente, eram padrão das pessoas comuns. *Zori* e *Waraji* eram calçados práticos e simples usados no trabalho. Todos os três modelos citados permitem a livre circulação do ar em torno dos pés, característica que provavelmente foi criada visando um maior conforto por causa do clima úmido do Japão.



Fig. 23 - *Geta*



Zori



Waraji

Fonte: http://sapatarialud.com.br/japaneses_shoes.html

Uma prática comum no Japão é retirar os sapatos quando se entra em uma casa, costume que combina limpeza e que respeita uma pavimentação tradicional feita de *tatami*, esteiras de palha que podem ser estragadas facilmente pelo calçado.

4.2 O Quimono

A palavra *kimono* (*kiru*= vestir, *mono*=coisa) significa coisa de vestir, o que a pessoa veste. A princípio, aplicava-se a todos os tipos de roupa, depois começou a designar só a roupa longa ("*naga-gi*") ainda usada em ocasiões especiais (SATO, 2007).

Todos os itens do vestuário japonês, segundo Sato (2007), que inclui o quimono, são chamados coletivamente de "*wakufu*" que significa roupas japonesas; o vestuário ocidental é chamado de "*yokufu*". O quimono apresenta muitos estilos, cores e tamanhos. Geralmente os homens usam cores mais escuras e as mulheres cores mais brilhantes, as mais jovens geralmente vestem com desenhos florais ou abstratos. Eles têm várias características para determinar o seu uso, tipo, idade, posição social, estado civil ou outras características.

O quimono é o vestuário exterior principal, é um robe longo de mangas largas, e pode ser feito em materiais diversos. Para o verão, ele geralmente não tem forro, para o outono e primavera é forrado e para o inverno é acolchoado (MAYUMI, 2012).

O quimono mais longo tem um corte básico para todos os gêneros. As mangas é que diferenciam o sexo e idade. As mangas longas, características do "*furisode*" de uma mulher nova, apresentam-se mais curtas; as retangulares são para mulheres casadas; e para as mais velhas, as mangas também são mais curtas. As mangas dos homens são quadradas e não têm nenhuma abertura sob o braço. As variações do quimono devem-se ao uso de diversas fibras. Tradicionalmente são feitos de seda (UCHIDESCHI, 2013).

Os estilos variem conforme as estações. Na primavera, apresentam cores vibrantes com flores bordadas. No outono, os desenhos são da estação e as cores são menos vibrantes. Nos meses mais frios são usados os de lã, sintéticos e de flanela, materiais mais pesados que ajudam a reter o calor. Os quimonos de algodão, *Yukata*, são usados por ambos os sexos nos banhos de verão, também usados após o banho em *onsen* (*resorts* de fontes termais) e nas *Ryokan* (pousadas tradicionais), geralmente usados com *geta*, calçado de madeira. Embora a *Yukata*



Fig. 24 - Quimonos tradicionais

Fonte: Uchideschi, 2013

de algodão branco liso fosse originalmente usada nas casas de banho da classe alta, ela se popularizou e passou a ser usada também por pessoas comuns. Atualmente nos festivais de verão e fogos de artifício, principalmente as mulheres jovens e crianças, usam *yukatas* coloridas.



Fig. 25 - Um quimono tradicional

Fonte: <http://www.japaoemfoco.com/kimono-roupa-tradicional-japonesa/>

Quimonos mais curtos são chamados de *haori* e podem ser usados abertos, como uma roupa para a noite, ou amarrado com o *obi*. É usado, tradicionalmente, sempre com o lado esquerdo sobre o direito, o que é invertido em caso de morte. Os quimonos variam de comprimento e de tecido. Freqüentemente, o quimono ou o *haori* possui um símbolo chamado de “*mon*”, símbolo da família do proprietário original, usado como forma de identificação. Pode-se usar esse *mon* apenas um no centro das costas, abaixo da nuca; um na gola e em cada lado do peito; e um em cada lado do peito e no centro, na parte traseira de cada manga. Essa última combinação do *mon* é a mais formal (UCHIDESCHI, 2013).



Fig. 26 - Quimono com *mon*
Fonte: Uchideschi, 2013

Não há tamanhos específicos para os quimonos, que podem ser apenas aproximados e se usar uma técnica especial para ajustá-lo. Como seu corte é reto e amplo, explica Sato (2008), ele pode ser ajustado ao corpo, portanto pode ser usado por pessoas de diferentes tamanhos. A simplicidade de seu corte permite uma técnica de amarras e dobras artísticas, e o uso de acessórios de fixação e sustentação dos tecidos. Usar um quimono exige *know how* e etiqueta e uma técnica, *okitsuke*, ensina não só a vesti-lo adequadamente, mas também a como andar, sentar-se, comer, servir, pentear-se, maquiarse, bem como fazer a manutenção para dobrar e guardar a peça corretamente, como fazer pequenas limpezas e outros. Os quimonos e *obis* fazem parte das heranças para os japoneses: as melhores peças passam de geração e geração, como se fossem joias herdadas. Inspirando-se nessa característica de seu uso por diferentes tamanhos de pessoas, Yohji Yamamoto criou para as roupas ocidentais o conceito de *one size fits all* (tamanho único).

O *obi* tem muita importância na composição do quimono. É o cinto japonês (faixa decorativa) usado em volta do quimono ou *yukata*, embora possa ser usado com vários trajes tradicionais diferentes. Seu uso depende da ocasião e os mais sofisticados são usados pelas mulheres. A maioria das mulheres usa um grande e elaborado *obi*, enquanto que o dos homens é mais fino e discreto. A gueixa usa-o atado atrás, nas costas, na prostituta é atado à frente, sendo que a sua posição varia conforme o estado social da mulher que o usa.



Fig. 27 - Detalhe do laço do *obi*

Fonte: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/japao/kimono.php>

O *Obi* é complementado por outras peças. O *Obiage* é um laço de seda que ajuda a fixar o *Obi* e esconde o acolchoado que auxilia no volume das costas. O *Obijime* é uma espécie de cordão de seda trabalhado, tem diversas cores e formas e serve para prender o *Obi*. O *Obiita* é uma placa rígida fina que ajuda a manter o *Obi* no lugar correto, impedindo que ele enrugue; é usado após a segunda volta em torno do corpo. Versões mais modernas do *Obiita* utilizam elásticos para seu melhor manuseio. O *Koshihimo* é formado por faixas que vão sendo amarradas à medida que a pessoa veste todas as partes do quimono, mantendo-as no lugar; impede, também, que ele se mova, mantendo cada parte do quimono em seu devido lugar (<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/japao/kimono.php>).

O Kanzashim é o nome dado aos ornamentos usados no cabelo junto com o quimono. Podem ter a forma de espetos com terminais esféricos ou diversos formatos decorativos, flores, ou de pentes. São feitos em madeira laqueada, jade, tecido, prata, casco de tartaruga e outros (<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/japao/kimono.php>).

4.2.1 Evolução do Quimono

O design do quimono foi-se modificando através dos séculos, conforme explica Sato (2008).

No período Nara (710-794), inicialmente homens e mulheres usavam uma peça chamada *kosode* (mangas pequenas) com roupa de baixo e, mais tarde, um vestuário externo: esse era o quimono do século XVIII que alguns japoneses ainda usam até hoje.

Nas artes tradicionais, como na cerimônia do chá ou *ikebana*, as mulheres usam quimono. O *Furisode* é usado pelas meninas e mulheres jovens e solteiras. O *Komon Edo*, feito com tecido decorado com motivos geométricos simples, é mais simples e casual.

Nos casamentos, geralmente os noivos trocam de figurino diversas vezes. Num deles, a noiva se veste com um *shiomuku*, um quimono pesado, com bordado branco e usa uma peruca sofisticada. O noivo veste um quimono preto de seda (*haori*) com o brasão da família, além do *hakama* (uma saia pregueada) e meias pretas compridas. Os homens às vezes ternos ocidentais.

Nos funerais, homens e mulheres usam um quimono preto liso, a gravata masculina também é preta, enquanto que nos casamentos a gravata é branca.

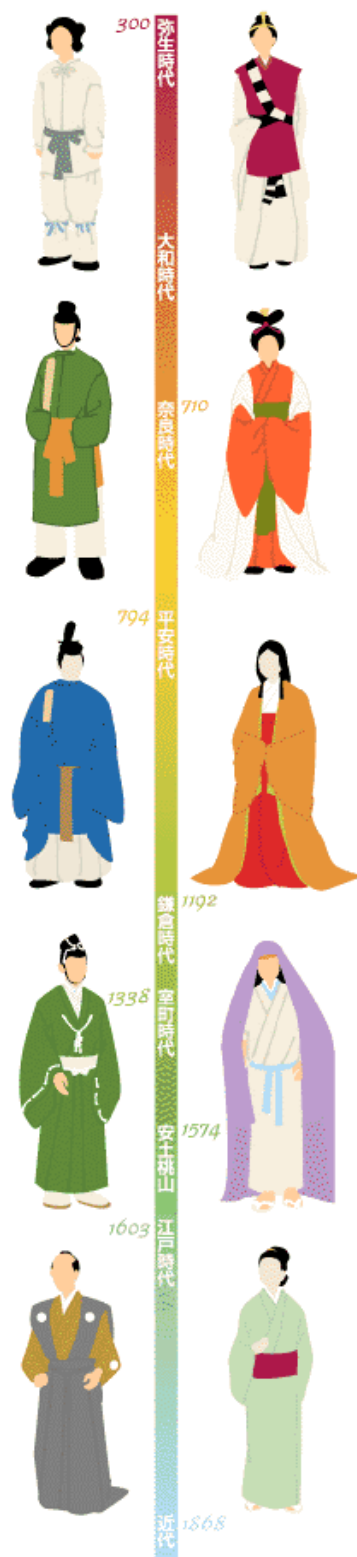


Fig. 28 - Evolução do Quimono

Fonte: <http://www.japaoemfoco.com/kimono-roupa-tradicional-japonesa/#ixzz2Hi6jXYzC>

O quimono é usado no Dia da Maioridade das jovens de 20 anos, no Ano Novo, nas cerimônias de formatura e no *Sichi-go-san*, festa das crianças (SATO, 2007).

A tradição reza que a mãe deve ensinar à filha como vestir um quimono, tarefa que mais tarde passou a ser da responsabilidade das escolas (SATO, 2008). Isso é feito colocando-se primeiramente a *tabi* (as meias brancas de algodão), depois a roupa interior, o *nagajuban*, um quimono branco, de algodão, que é amarrado com um cinto, *datemaki*. Por fim veste-se o quimono, com o lado superior esquerdo para a direita (só quando se veste um cadáver para seu enterro que isso é feito da direita para a esquerda) que é amarrado com o *obi*. O *nagajuban* tem a *haneri* (colar) que fica dentro da gola do quimono, criado para chamar a atenção para o pescoço, considerada a parte mais sensual da mulher que veste um quimono. Geralmente nos pés são usadas sandálias *zori*, feitas de palha.

4.2.2 Tipos de Quimono

Os tipos de kimono variam conforme as diferentes ocasiões e estações, incluindo os usados pelos homens. Ultimamente o quimono é usado mais por algumas pessoas mais velhas ou artistas tradicionais (MAYUMI, 2012).

O quimono de uma mulher casada (*Tomesode*) é diferente da solteira (*Furisode*). O *Tomesode*, que significa “mangas encurtadas”, não pode ter desenhos acima da cintura. Suas mangas são mais curtas, com 50 cm a 70 cm de comprimento. É um *kosode* feminino de seda, forrado em seda de cor diferente. É resultado do costume de que quando as mulheres se casavam, passavam a usar quimonos com mangas curtas – ou cortavam as mangas dos quimonos, como símbolo de fidelidade ao marido. A maior parte das mulheres usa o *kosode* (MAYUMI, 2012).



Fig. 29 – Quimono tipo *Tomesode*

Fonte: <http://japaoaishiteru.blogspot.com.br/2008/07/tipos-de-kimono.html>

O *Furisode* significa “mangas que balançam”, porque estas são muito longas, com 70 cm a 90 cm de comprimento. Tem muitas estampas, é fechado com *obi* e é o quimono formal das moças solteiras, em brocado multicolorido e brilhante; é amarrado nas costas com grandes laços. Nos casamentos, é usado pelas parentes



Fig. 30 – Quimonos tipo *Furisode*

Fonte: Mayumi ,2012

solteiras noiva e quando a jovem completa 20 anos na Cerimônia da Maturidade (*Seijin Shiki*) todos os anos no mês de janeiro.

Um dos quimonos mais elegantes é o *Uchikake*, usado nos casamentos e decorado com desenhos de pássaros e flores bordados com fios de prata e de ouro.



Fig. 31 – Quimono tipo *Uchikake*
Fonte: Marreiros, s.d.

○ *Kurotomesode* é o quimono mais formal das mulheres casadas. É muito decorado das coxas para baixo e tem 5 *kamons* (escudos de família) impressos ou bordados em branco nas mangas, peito e costas. Preto com mangas curtas, é acompanhado de um *obi* de brocado dourado. Geralmente é usado pelas mães do noivo e da noiva num casamento.



Fig. 32 - Quimonos tipo *Kurotomesode*
 Fonte: <http://japaoaishiteru.blogspot.com.br/2008/07/tipos-de-kimono.html>

Irotomesode, que significa "mangas curtas colorido", é um quimono liso de uma só cor, geralmente em tons pastéis. Embora menos formal que o kurotomesode, tem também muita decoração das coxas para baixo, possui da mesma forma 5 *kamons* (escudos de família) impressos ou bordados em branco nas mangas, peito e costas, complementado ainda por um *obi* de brocado dourado. É o quimono usado nos casamentos por mulheres casadas, parentes próximas dos noivos.



Kimono Irotomesode

Fig. 33 – Quimonos tipo *Irotomesode*
 Fonte: Mayumi, 2012

Houmongi ou "traje de visita" é um quimono liso de uma só cor, geralmente em tons pastéis, com muita decoração em um dos ombros e em uma das mangas, e das coxas para baixo, sem *kamons*. É usado por mulheres casadas ou solteiras, amigas da noiva, mas pode também ser usado em recepções ou festas formais. É menos formal que o *iroto mesode*.



Fig. 34 - Quimono tipo *Houmongi*

Fonte: <http://japaoaishiteru.blogspot.com.br/2008/07/tipos-de-kimono.html>

Tsukesage: tem cor mais discreta e é menos formal que o *houmongi*. É o quimono mais requintado e pode ser usado tanto por casadas ou solteiras.



Fig 35 – Quimono tipo Tsukesage

Fonte: <http://japaoaishiteru.blogspot.com.br/2008/07/tipos-de-kimono.html>

○ *Iromuji* é usado principalmente em Cerimônias de chá. É um *kosode* elegante, semi-formal, usado no dia-a-dia. De uma única cor, só pode ter decoração na mesma cor, mas pode ser decorado com um pequeno bordado ou com um *kamon* (escudo de família) nas costas.



Fig. 36 - Quimono tipo *Iromuji*

Fonte: <http://japaoaishiteru.blogspot.com.br/2008/07/tipos-de-kimono.html>

Komon, que significa “estampa pequena”, é assim chamado por ser um quimono de seda estampada com pequenos desenhos repetidos. Casadas ou solteiras podem usá-lo para jantar em um restaurante ou para fazer compras. É considerado casual.



Fig. 37 - Quimono tipo *Komon*

Fonte: <http://japaoaishiteru.blogspot.com.br/2008/07/tipos-de-kimono.html>

○ *Yukata* é usado por homens e mulheres. O feminino tem grandes estampas, geralmente de flores, e um *obi* largo. O masculino tem estampas pequenas e *obi* estreito. É um quimono informal de algodão estampado, sem forro que pode ser usado tanto em *matsuris* (festivais) quanto em casa. Se for de algodão, o *yukata* pode ser usado como roupão de banho, por isso é disponibilizado para todos os hóspedes nos *ryokans* (hotéis ou pousadas tradicionais) e *onsens* (resorts com termas).



Fig. 38 – Quimono tipo *Yukata*
 Fonte: Mayumi, 2012

O uso do quimono não faz mais parte do cotidiano dos japoneses, talvez devido ao custo, pois existem quimonos de seda que chegam a custar mais de um milhão de ienes. Além disso, há ainda o problema de colocar o quimono e amarrar o *obi*, processo complicado que foge à capacidade de muitas mulheres jovens. Outro motivo é a influência da moda ocidental, fazendo com que cada vez mais os japoneses não queiram usar as vestimentas tradicionais. Apesar de tudo isso, os quimonos ainda são muito usados em ocasiões especiais como casamentos e cerimônias de graduação (SATO, 2007).

A popularidade da donzela vestida de quimono, uma das xilogravuras de Ukiyo no Ocidente, no início do século passado, tornou-se uma das imagens mais simbólicas do Japão. Vestir o quimono e outros acessórios das gueixas ou *maiko* ainda é uma das atividades mais populares para os turistas que visitam o Japão.



Fig. 39 - xilogravura Ukiyo
 Fonte: <http://www.japaoemfoco.com/kimono-roupa-tradicional-japonesa/>

Os quimonos masculinos são bem menos coloridos que os femininos e tem menos tipos, embora também usados de acordo com as ocasiões (SUZUKI, 2008). Geralmente são uma peça de seda escura com mangas mais curtas. O quimono típico possui apenas uma cor escura, preto, azul escuro, verde ou castanho. É mais curto que o feminino para facilitar o movimento. Sob o quimono, usa-se a *hakama* que vai até o tornozelo e um casaco comprido, largo e liso. A insígnia da família aparece bordada em branco. O símbolo ou brasão de família é bordado ou gravado na frente, costas e mangas. A faixa varia conforme for para uso diário, o *heko-obi*, enrolado duas ou três vezes à volta da cintura e apertado num laço solto; ou para ocasiões formais, o *kaku-obi* de seda pesada apertado atrás num nó duplo. Quando decorado, o quimono masculino usa padrões usuais como *fine checks*, bolinhas, ou desenhos de olho de pássaro (KEIKO, 2012).

O quimono masculino é formado pelas seguintes partes: o *Montsuki* ou *haori* que é um casaco três-quartos adornado com o emblema da família; o *Mon* (emblema da família); o *Hakama*, peça semelhante ao culote, vestida sobre o quimono; e o *tabi* que deve ser usado com *montsuki* (KEIKO, 2012).



Fig. 40 - Partes do quimono masculino

Fonte: Keiko, 2012

Os quimonos formais masculinos são chamados de *Montsuki*, que significa com *kamon*. O mais sombrio dos quimonos cerimoniais modernos é o quimono *Mofuku*, usado somente em funerais. Esse é feito de seda preta com brasões da família em lugares-chave e é vestido com um *juban* (quimono interior) branco, acessórios pretos, *zoris* pretos ou *Getas* (KEIKO, 2012).

O *hakama* são calças largas que se estendem para os lados, era utilizado apenas pelos samurais que serviam para esconder os pés do lutador e impedir que o inimigo conhecesse seus movimentos. O *hakama* tem sete plissados profundos, dois na parte traseira e cinco na parte dianteira. Os plissados representam as sete virtudes consideradas essenciais pelo samurai: a honestidade, a lealdade, a coragem, a perseverança, a benevolência, a compaixão e a sinceridade.



Fig, 41 - Hakama

Fonte: <http://culturajaponesa-fran.blogspot.com.br/2011/06/vestuario.html>

Nas celebrações especiais, o quimono masculino é o *montsuki hakama*, de seda preta lisa e, em eventos menos formais, o *haori*, um traje de passeio. Tem cinco *kamons* e é complementado com um quimono interior branco, o *Juban* e com o *Hakama*, calças nas cores cinza ou castanho.



Fig 42 - *Montsuki* é usado em cerimônia de casamento

Fonte: Suzuki, 2008

O **Yukata** é um quimono informal de algodão estampado. O masculino tem pequenas estampas e *obi* estreito. Esse tipo de quimono é usado no verão por ambos os sexos tanto nas residências, quanto em *ryokans* (hotéis e pousadas tradicionais) e em festas tradicionais. É bastante usado nos *matsuris* (festivais) (SUZUKI, 2008).



Fig. 43 - Homem com *Yukata*
 Fonte: Bortoli, 2008

Existem, ainda, os quimonos das artes marciais, chamados de *Gi*. Eles se parecem, mas cada um respeita a especificidade de sua luta. Por exemplo, a parte de cima do *Gi* de Judô é semelhante a do Karatê, porém bem mais reforçada para suportar os puxões que esta modalidade exige (SUZUKI, 2008).



Fig. 44 - Lutadores de sumô com seus *Gi*
 Fonte: Suzuki, 2008

Os quimonos atualmente só são usados pela maioria das mulheres em ocasiões especiais (casamentos e *matsuris* - festivais populares ou tradicionais). Já os homens, raramente usam-nos. Mas o *yukata*, quimono leve de algodão estampado, típico de verão, ainda é muito usado por homens e mulheres nos

festivais de verão e em *resorts*, à ocidental ou estilo japonês. O uso do quimono no cotidiano cresceu desde o começo do milênio, movimento chamado de *fashion kimono*, que agrada mais aos jovens, direcionado a essa peça de roupa mais tradicional, mas com estampas modernas e *obis* que não amarrotam ou com nós prontos.



Fig. 45 - Quimono do século XXI: temas abstratos, geométricos e estampa moderna e um insubstituível toque da seda
Fonte: Bortoli, 2008

4.3 A História da Moda Japonesa

“A história do vestuário japonês é, em grande parte, a história da evolução do *kosode*, e de como os japoneses adaptaram a seus gostos e necessidades estilos e a produção de tecidos vindos do exterior” (SATO, 2008).

Pesquisas arqueológicas da Era Jomon (10 mil a.C. a 300 a.C.), pré-história japonesa, mostram que as pessoas dessa época usavam túnicas de pele ou de palha. Já na Era Yayoi (300 a.C. a 300 d.C.), a China e Coreia já haviam exportado a sericultura e técnicas têxteis para o Japão, influência que continuou na cultura e corte imperial desse país durante os séculos IV a IX através do budismo e do sistema de governo da corte *Sui* chinesa, fazendo com que o regente japonês Shotoku (574-622) adotasse as normas do vestuário estilo chinês na corte japonesa (SATO, 2008).



Fig. 46 - O Príncipe Shotoku e filhos com penteados, túnicas e acessórios de inspiração chinesa
 Fonte: Bortoli, 2008

Ainda influenciados pelos chineses, quando surgiram os Códigos Taiho (em 701) e Toro (718) que nomeavam escolas para os filhos dos nobres, seguiu-se a corte Tang chinesa que dividiu os tipos de roupas para as cerimônias, para o trabalho e para a corte. Foi quando os primeiros quimonos semelhantes aos da China foram adotados, com a gola em V (BORTOLI, 2008).

Na Era Heian (794-1185), de acordo com Bortoli (2008), o afastamento da China oportunizou expressões culturais genuinamente japonesas, trazendo para o vestuário um estilo mais simples no corte, embora usando-se camadas e com sofisticação têxtil. Os aristocratas homens usavam o *sokutai*, ampla saia-calça chamada *oguchi*, com aparência recheada por causa das muitas camadas de quimonos usados por baixo chamados *ho*, e por cima uma túnica bordada, com mangas longas e uma cauda de 5 metros. Dois complementos eram obrigatórios: uma tabuleta de madeira, o *shaku* e uma espada cerimonial longa, a *tachi*. O penteado, *kammuri*, trazia preso no cabelo um chapeuzinho preto e uma ou mais fitas de seda engomadas na vertical. O status da pessoa mostrava-se conforme 5 fitas estivessem enroladas ou se pendiam do chapéu. Sacerdotes xintoístas ainda usam uma versão simplificada do *sokutai*, o *ikan*.

O *karaginumo*, que após o século XVI foi chamado de *jûni-hitoe* (as doze molduras da pessoa), era usado pelas damas da corte e era formado por doze quimonos (*uchiki*) sobrepostos feitos de seda finíssima, cada qual mais curto que o anterior, permitindo que as golas, mangas e barras apareçam em camadas, o que vai criar um efeito multicolorido. O último *uchiki* é um sobretudo bordado complementado com um cinto do mesmo tecido fazendo um laço na frente. A cauda podia ter outra cor ou textura. Era obrigatório usar um leque bem grande decorado com cordões de seda e uma carteira de seda, encaixada na gola entre a terceira e quarta camada. Usava-se os cabelos bem compridos soltos ou amarrados abaixo da altura do pescoço, com as pontas arrastando sobre a cauda do *jûni-hitoe*, no chão.



Fig. 47 - Reprodução moderna de um *jûni-hitoe*
Fonte: Bortoli, 2008

A classe dos samurais adotou novos estilos com o advento do xogunato e o declínio do poder e do prestígio da corte imperial na Era Kamakura (1185-1333), segundo Bortoli (2008). O *sokutai* continuou a ser usado pelos grandes senhores e oficiais mais graduados, mas os senhores feudais e samurais adotaram um traje de caça informal da aristocracia – o *kariginu*, um tipo de capa engomada com gola arredondada, com mangas amplas e longas às vezes decoradas com cordões. As mulheres combinavam os *uchikis* com *hakama* (saia-calça ampla com placa de sustentação nas costas, também usada pelos homens). Depois o *uchiki* foi substituído pelo *kosode*, menos amplo, mangas mais curtas, com formas mais semelhantes aos quimonos modernos; ele é amarrado com faixas estreitas, um pouco abaixo da barriga ou na altura da cintura.

O *uchikake* ou *kaidori*, da Era Muromachi (1333-1568): era um quimono um pouco mais amplo que o *kosode*, com ou sem barra almofadada, usado como sobretudo,. O *kosode* junto com o *uchikake* compôs o traje formal feminino das classes mais altas. Atualmente o *uchikake* é parte do traje de noiva tradicional (BORTOLI, 2008).



Fig. 48 - *Uchikake* usado em peças *Nô*, confeccionado no século XVIII
Fonte: Bortoli, 2008

As constantes guerras da Era Azuchi-Momoyama (1568-1600) fizeram com que os samurais usassem o *kamishimo*, conjunto colorido de peças superiores com calças, formado por um quimono masculino com uma saia-calça longa, ampla e estruturada, a *nagabakama*, tudo no mesmo tecido, às vezes usado com uma jaqueta sem mangas, com ombros alargados e estruturados em tecido diferente. Esse quimono foi usado até a segunda metade do século XIX (BORTOLI, 2008).

Com a paz no xogunato Tokugawa, de 1600 a 1868, e com o apoio dos *chônin* (comerciantes ricos) surgiram novas formas de expressão artística e cultural. O teatro *Kabuki* e os bairros do prazer das cidades de Edo, Osaka e Kyoto passaram a ditar a moda. O *kosode* ainda era o traje básico para homens e mulheres, mas com novas técnicas de tingimento (*yuzen* e *shibori*) ou pintura, bordados e desenhos desenvolvidos no tear. Mereceram destaque os *obis* (faixas largas e compridas) em fios de ouro e prata que simbolizam riqueza usados para fechar os *kosodes* femininos (BORTOLI, 2008).

Nessa época, explica Bortoli (2008), aumentou o uso da *haori*: jaqueta com gola estreita de seda, mangas amplas, bordada ou com o símbolo da profissão da

pessoa ou com a insígnia (*kamon* ou escudo circular) familiar. O modelo usado por trabalhadores e funcionários do comércio era de tecido mais resistente, com mangas mais estreitas, chamada de *happi*, muito usado até hoje.

A influência portuguesa, que se fez através do primeiro contato dos japoneses com o ocidente em 1543, através de três naufragos portugueses que foram parar na ilha de Tanegashima após uma violenta tempestade; e depois o padre Francisco Xavier, que na China, tomou conhecimento da nova terra e resolveu ir para o Japão para expandir a fé cristã. A partir de então, os portugueses intensificaram o comércio com o Japão, comprando prata, cobre, laqueados e espadas e vendendo sedas e ouro que traziam da China. Em pouco tempo, Portugal passou a ser o único país a intermediar negócios entre o Japão e a China, influenciando o país em todas as áreas, inclusive na moda. No começo desse período, surgiram peças como a *happa*, que, nos moldes dos navegantes portugueses, era uma capa longa de corte circular, sem mangas, podendo ter ou não gola, usada como sobretudo. Segundo o modelo do gibão português, apareceu o *júban*, camisa estilo quimono curto usado como roupa de baixo (BORTOLI, 2008).

No século XIX, novas normas para o vestuário militar modificando o uniforme padrão dos samurais que, conforme Bortoli (2008), era composto pelo *kosode* e *hakama* com barra na altura do tornozelo, usado com o *haori*, traje atual dos noivos. Era obrigatório também o uso do *daisho*, conjunto de duas *katanás* (espadas curvas, uma longa e uma curta), o *chonmage* (cabelos compridos na altura dos ombros, presos em coque na parte superior atrás da cabeça com a parte acima da testa raspada).

Decreto federal editado na Restauração Meiji (1868) obrigou que todos os uniformes dos funcionários públicos, civil ou militar, adotassem a moda estilo ocidental. Após o final da I Guerra Mundial, os homens usavam ternos, camisas, calças e sapatos de couro. Quanto às mulheres, a aristocracia começou adotando vestidos de gala, importados da Europa, em reuniões formais na corte Meiji e nos bailes do suntuoso salão Rokumeikan (de 1883 a 1889). Após a I Guerra Mundial, as mulheres mais instruídas e com profissões urbanas usavam roupas ocidentais diariamente, o que só foi adotado por todos os gêneros e todas as classes sociais após a II Guerra Mundial (1945). As *monpe*, calças largas, obrigatórias nos trabalhos relacionados à guerra, foram substituídas pelas grandes saias estreitas na cintura e largas na parte inferior, usadas com cintos largos (MITSUKI, 2012).

A partir de então, as culturas estrangeiras passaram a ser absorvidas com avidez. E a moda e o estilo norte-americanos e europeus chegaram ao Japão através de filmes dos anos 50, segundo Mitsuki (2012). Foi o que aconteceu com o filme inglês “The Red Shoes” de 1950 que despertou grande popularidade dos sapatos vermelhos junto aos jovens. Com o filme “Sabrina”, de 1953, os jovens se voltaram para as calças estilo toureiro e sapatos usados por Audrey Hepburn. Com o filme Taiyo no Kiseki (em inglês “Season of Violence”) de 1956, os japoneses passaram a ser conhecidos como “a tribo do sol” (taiyo-zoku) porque, no verão, os homens usavam camiseta, camisas havaianas e óculos de sol, e as mulheres, calças curtas com estampados em cores fortes.

Nos anos 60, de acordo com Mitsuki (2012), os japoneses já se consideravam conhecedores da moda e os altos preços da alta costura ficaram mais baixos com o prêt-à-porter (em japonês *puretaporute*) seja para o formal ou casual. Em 1965, as minissaias, apresentadas na *Paris Collection*, tiveram aceitação imediata no Japão, embora a mídia dissesse que elas não se adequavam ao físico da mulher japonesa. Porém baseadas na modelo Twiggy, chamada de “rainha da minissaia”, elas se tornaram muito populares até 1974, a princípio entre as jovens, e depois pelas mulheres de mais idade. A moda masculina adotou o estilo Ivy, moda dos estudantes das universidades particulares “Ivy League” norte-americanas, se estendendo desde os trabalhadores jovens até as pessoas de meia idade que usavam tons mais escuros e, por isso, ironicamente, começaram a ser chamados de *dobunezimi-zoku* (a tribo dos ratos de esgoto).

A partir de meados da década de 70, a moda dos portos de Kobe e Yohama conhecida como *nuytora* (tradicional novo) e *hamatora* (tradicional de Yokohama), era o equivalente feminino do “Ivy League”. A *nuytora* devia ter aparência feminina e aspecto adulto e compreendia uma blusa simples com uma saia semilarga que chegava até os joelhos. Já o estilo *hamatora* apresentava aspecto infantil, com camisetas grossas com insígnias dos estilos e gola dobrável, igual às golas das camisetas pólo. Na segunda metade dos anos 70, voltou-se a moda norte-americana dos anos 50, a moda dos surfistas (MITSUKI, 2012).

Mitsuki (2012) explica que, com a chamada economia de bolha no Japão dos anos 80, foram adotadas marcas de roupas com insígnias ou modas específicas de Takada Kenzo, Miyake Issey e Yamamoto Kansai que se lançaram na moda internacional, com trabalhos muito elogiados. Na segunda metade da década, a

moda feminina foi marcada pelo *bodikon* (estilo do corpo) que realçava as linhas naturais do corpo e pelo *shibukaji* (casual Shibuya) baseada nas universitárias que freqüentavam Shibuya, Tóquio, estilo simples e durável. Os jovens que freqüentavam as discotecas usavam as roupas “consciência do corpo” feitas de materiais leves que não se deformam e que estimulam os prazeres sensoriais; e agradáveis ao toque. Até os jovens “ratos de esgoto” começaram a usar mais roupas da moda. Mas o uniforme básico do assalariado continua sendo simples e sóbrio, embora muitas empresas permitam que seus funcionários usem roupas casuais nas sextas-feiras, devido à proximidade dos finais de semana.



Fig. 49 - *Shibu-kaji*
Fonte: Mitsuki, 2012

O colapso da “economia da bolha” afetou a moda da década de 90 que se mostrava sem grandes perspectivas, porém orientalismo e romantismo foram observados na última metade desses anos. Nos anos finais, segundo Mitsuki (2012) apareceram vários estilos, evidenciando tendências estabelecidas pelos estudantes de escolas secundárias: garotas de cabelos compridos tingidos de castanho, pele muito bronzeada, vestindo minissaias ou calças curtas na parte inferior com meias folgadas e largas caídas sobre a parte superior dos sapatos.



Fig. 50 - Moda jovem japonesa dos anos 90
Fonte: Mitsuki, 2012

A crise econômica duradoura, a deflação derivada do colapso da bolha financeira, para Mitsuki (2012), foram as causas da decadência da moda no mundo inteiro, inclusive no Japão. Produtos econômicos foram produzidos em massa e foram incorporados estilos mais recentes e de alta qualidade. A moda rápida japonesa invadiu o mercado externo, enquanto fabricantes estrangeiros, adeptos do mesmo estilo de moda, abriram grandes lojas em centros comerciais no Japão.



Fig. 51 - Homem e mulher japoneses vestidos na moda
Fonte: Mitsuki, 2012

Ao mesmo tempo, o Japão recebe grifes estrangeiras de luxo para atender à classe alta. E a “Tokyo Girl Collection”, evento de moda para jovens e adolescentes que teve início em 2005, fica cada vez mais popular. Nesse evento pode-se comprar roupas a preços razoáveis acessando um site por um celular *smartphone* (*keitai*), ao mesmo tempo que uma modelo desfila com uma nova peça na passarela (MITSUKI, 2012).

4.3.1 Estilistas Japoneses que Revolucionaram o Mundo da Moda

A moda da década de 80, no Japão, foi marcada pelo aparecimento de estilistas nipônicos que surpreenderam o mundo com conceitos e coleções de roupas totalmente surpreendentes. Segundo José Luis de Andrade, professor de Design de Moda do SENAC de São Paulo, *“Eles mudaram os conceitos sobre o modo de se vestir trazendo formas esculturais e arquitetônicas para as peças”*. Desenhistas japoneses como Takada Kenzo, Miyake Issey e Yamamoto Kansai se sobressaíram na moda internacional, propondo roupas tipicamente japonesas, feitas de tecidos naturais tingidos com ervas, cores neutras como o preto, o cinza e tons de terra, cheia de valores ancestrais e ecológicos (http://manequim.abril.com.br/moda/historia-da-moda/historia_da_moda_288541.shtml).

Yamamoto Yoji, do grupo de desenhistas “Y’s” e as cores escuras e idiossincráticas de Rei Kawakubo, do grupo de desenhistas “*Comme des Garçons*” foram apresentados na Paris Collection e ganharam grande popularidade. As modas de Kikuchi Takeo e Inaba Yoshie, do grupo de desenhistas “*Big*” e Masuda Mitsuhiro do grupo “*Nicole*”, também chamaram atenção (MITSUKI, 2012).

Rei Kawabuko, Yohji Yamamoto e Issey Miyake foram estilistas que, no verão de 1983, deixaram fashionistas de mundo inteiro perplexos e entusiasmados. Eles mudaram totalmente o estilo da mulher fatal, com laquê, saltos altos e ombros acentuados. Hiroshima, fim do mundo, a influência do movimento punk com mulheres de saltos baixos, sem maquiagem, pudor e reserva serviram de inspiração (http://manequim.abril.com.br/moda/historia-da-moda/historia_da_moda_288541.shtml).

Rei Kawakubo

Estudou filosofia, arte e literatura, o que contribuiu para a proposta conceitual de suas peças. Em 1966, começou sua carreira de estilista e, em 1969, criou sua marca *Comme des Garçons*. Ela seguiu Kenzo Takada, o primeiro a trocar o Japão pela França, trazendo para o Ocidente um conceito completamente revolucionário quanto às formas das roupas, criando, então, a marca do *New Japan Style*, com roupas pouco convencionais, desestruturadas, amassadas e rasgadas, com corte assexuado e cores sombrias que redefiniram conceitos até então imutáveis. Sem considerar as formas do corpo, num corte assexuado, as imperfeições foram criadas de maneira proposital, usando também cores sombrias. Assim Rei Kawakubo, junto com outros colegas orientais, instalou uma nova estética nas roupas ocidentais, impondo um estilo que ganhou força no final dos anos 70 e dominou quase que totalmente os anos 80 (http://manequim.abril.com.br/moda/historia-da-moda/historia_da_moda_288541.shtml).

As roupas apresentadas na primeira coleção da grife de Rei, em 1981, desafiavam todas as convenções pelo tratamento dos volumes e das proporções que ganharam um novo equilíbrio, pela presença de comprimentos irregulares e pelas superposições assimétricas. "*A moda só existe quando inventamos coisas novas, que nunca ninguém fez antes*". O uso do preto, cor que não era muito popular na época, se impôs em definitivo (SATO, 2007).

No seu primeiro desfile em Paris, a imprensa sentiu-se chocada com aquele estilo nada convencional, dizendo que a sensação que se tinha após assistir ao desfile de Kawakubo era o mesmo que assistir a uma marcha funeral após um ataque nuclear. As construções da estilista são esculturais, voltando-se mais para a estrutura do que para a superfície (SATO, 2007).

Atualmente, ela é um nome consagrado no mundo todo, e continua a propor uma moda que sempre surpreende pelas novas soluções encontradas. Sua marca tem mais de duzentos pontos de venda no mundo, investindo sempre em roupas sobrepostas, assimétricas e costuras inacabadas, fugindo do tradicional.



Fig. 52 - Desfile da estilista Rei Kawakubo: uso do preto e de modelagens volumosas
Fonte: http://manequim.abril.com.br/moda/historia-da-oda/historia_da_moda_288541.shtml

Yohji Yamamoto

Yamamoto nasceu em 1943, formou-se em direito pela Universidade de Keio e em moda pela escola técnica superior Bunkafukuso Gakuin. Venceu um concurso cujo prêmio foi um estágio de moda em Paris em 1969. Quando voltou ao Japão, abriu uma confecção, a Y's Co. Ld. (http://manequim.abril.com.br/moda/historia-da-moda/historia_da_moda_288541.shtml).

Foi um mestre da arte de cortar e grande arquiteto da moda e em cada uma de suas coleções questionava a estrutura e a postura do traje. Distanciou-se do estilo sexy da mulher fatal, propondo uma mulher casta, reservada, exibindo uma neutralidade apenas de fachada. Para ele, a mulher só se revela aos poucos.

Sua carreira internacional teve início em 1981, quando mostrou sua primeira coleção de alta costura em Paris. Suas roupas desestruturadas, em tecidos de aspecto simples, de cores lisas e fortes, contrastando com tons neutros, que enfatizavam texturas ao invés de estampas, bordados e brocados chocaram a imprensa especializada.



Fig. 53 - Modelos expostos com detalhes das criações de Yamamoto

Fonte: http://manequim.abril.com.br/moda/historia-da-moda/historia_da_moda_288541.shtml

Yamamoto tornou-se conhecido na década de 80 com uma moda atemporal e minimalista, sem o modismo de detalhes, baseada na sobriedade e na simplicidade dos quimonos dos monges zen-budistas usados há mais de mil anos. Seu estilo é assimétrico, com sobreposições soltas e funcionais. Porém suas peças experimentais e mais dramáticas, apresentadas em 1991, explorando as formas geométricas ou o uso de materiais inusitados, como o vestido de madeira e dobradiças, é que o destacaram (SATO, 2007).

Nos anos 80, apresentou, junto com Rei Kawakubo, propostas ousadas e nada convencionais que chamaram a atenção dos estilistas. Na época, introduziram inovações conceituais importantes para a moda, como as peças *one size* (tamanho único) e o visual urbano minimalista em vários tons preto sobre preto. Ele chegou a integrar o *Comme des Garçons* (SATO, 2007).

Em 1996, Yamamoto lançou seu primeiro perfume, que foi um sucesso. Atualmente seu principal produto são as linhas de prêt-à-porter de luxo e perfumes (SATO, 2007).

Issey Miyake

Nasceu em 1939, em Hiroshima, formando-se em design pela Universidade de Tóquio. Decidido a tornar-se estilista, mudou-se para Paris em 1965 e trabalhou como assistente de Guy Laroche e Hubert de Givenchy. Porém ele não se identificou com a formalidade da alta costura oferecida às mulheres, quando Corrèges e Pierre Cardin idealizavam modelos inspirados na conquista do espaço e usando materiais

sintéticos, revolucionando, assim, os conceitos de moda e elegância. Por isso ele foi para Nova York em 1969 e trabalhou para a Geoffrey Beene, famosa loja de prêt-à-porter feminino na 5ª Avenida durante um ano (http://manequim.abril.com.br/moda/historia-da-modahistoria_da_moda_288541.shtml).

Dessa forma Miyake conhece os dois lados da moda. Em 1970, volta ao Japão e resolve se focar no design, decidido a abandonar tudo o que sabia sobre concepção e função do vestuário. Passa, então, a produzir roupas de corte assimétrico com amplos tecidos sobrepostos que destacavam textura e que podiam revelar características surpreendentes conforme o movimento da pessoa ou de como a peça era usada. Totalmente contrário à valorização do corte e da costura para que o tecido reproduzisse as formas do corpo, ele priorizava o próprio tecido que deveria produzir novas formas e volume para quem estivesse vestindo a roupa (SATO, 2007).

Após abrir o *Miyake Design Studio* em 1971, ele passou a apresentar suas coleções em Paris, duas vezes ao ano. Seus desfiles eram verdadeiros shows, disputadíssimos por conta de ele ser um experimentador constante e criador de peças inovadoras. Os desfiles de moda da época apresentavam apenas modelos que desfilavam e passarelas retas com música clássica ou trilha sonora de supermercado. Miyake mudou tudo: a forma das passarelas, novos efeitos de iluminação e diferentes trilhas sonoras. Com bom humor, fez desfiles extravagantes, colocando modelos para desfilarem em trajes de placas de fibra de vidro vermelho laqueadas, na forma de seios nus (SATO, 2007).

Suas contestações e questionamentos faziam-no estar sempre procurando novos caminhos para o vestuário. Assim, na década de 80, ele investiu nas técnicas dos plissados, realizando modelos que lembravam gaiolas e lanternas orientais, esculturas e formas da Antiguidade. Seus vestidos de linha plissada são sua marca registrada (SATO, 2007).



Fig. 54 - Estilo característico de Miyake

Fonte: (http://manequim.abril.com.br/moda/historia-da-moda/historia_da_moda_288541.shtml).

4.4 Lolita, um Modo Infantil de Vestir

Lolita ou Loli, estilo japonês de moda, começou no final da década de 70 e sua inspiração vem da cultura “kawaii” (fofa ou adorável) japonesa e na nostalgia dos períodos vitoriano ou rococó ou na própria infância. Esse estilo evita passar uma imagem adulta, sexualizada ou vulgar; é preciso parecer infantil, elegante ou modesta (WAY, 2009).

Aqui são usadas saias rodadas até os joelhos, em forma de sino com anáguas de renda de boa qualidade que geralmente é de algodão; evita-se tecidos brilhantes como o cetim; o tecido deve ser de fibras naturais e de boa qualidade como tricoline e chiffon; o decote é alto. O vestido é bem acabado com renda e vários laços. Usa-se normalmente meias $\frac{3}{4}$ ou meia-calça, sempre com fio grosso, com diversas cores e estampas. Os cabelos são cacheados com franja reta. Nos pés é usado um sapato delicado com formato Mary Jane ou botas rendadas e bem acabadas. São garotas fofas vestidas com roupas de bonecas (WAY, 2009).



Fig. 55 – Lolitas
 Fonte: <http://vkbrasil.blogspot.com.br/>

Existem vários sub-estilos de lolitas, alguns de existência polêmica. Dividem-se conforme o tema, explica Kei (2012).

Gothic Lolita: considerado o mais popular visual lolita, mistura o gótico e a moda lolita. As cores utilizadas são elegantes, pode ser o preto, azul escuro e até mesmo vermelho, usado em contraste com cores pálidas, como o branco. A maquiagem é leve e natural, com sombra e batom e tons claros.

Classical Lolita: é o estilo clássico, mais maduro e aristocrático, que remete à moda vitoriana e rococó original. As estampas são pequenas e detalhadas, com flores e xadrez. As cores utilizadas são sóbrias, mas clássicas, em tons de creme, pêssego, vinho, marrom, verde-escuro e marfim. É comum o uso de espartilhos e saias-balão. Muitas roupas nesse estilo possuem a chamada cintura imperial, logo abaixo do busto. O uso de luvas, boleros e tecido chiffon é frequente. Os acessórios de cabelo mais usuais são os chapéus, os mini-chapéus e os obrigatórios *corsages*. Os sapatos incluem botas vitorianas, sapatos baixos, sapatos com formatos diferentes do típico formato redondo de Lolita e outros. Meias-calças são mais comuns que meias 3/4. A maquiagem é bem natural.

Sweet Lolita: é o estilo "fofo", inspira-se na infância. Usa tons claros como o rosa, verde claro, azul bebê, amarelo claro, pêssego. As estampas, quando utilizadas, são

de coisas pequenas e bonitinhas, como frutas, flores, animais, bolinhas, sorvetes, xadrez, listras finas. A maquiagem em tons claros deixam a pele feminina com uma beleza infantil (rosa, lilás, bege, amarelo), mas pode-se usar também o vermelho e o preto. Os cabelos são volumosos (e às vezes coloridos, como no OTT, que é um sub-estilo com referências do *fairy kei*), por isso o mais comum é o uso de perucas. O cabelo é super enfeitado com presilhas com temas fofos, como lacinhos, doces, corações e outros.

Country Lolita: subdivisão do *sweet* ou *classical*, as roupas são em tons pastéis (rosa, *mint*, azul, lilás, amarelo), mas usa também o preto, branco e vermelho. As estampas baseadas em xadrez, *gingham*, quadriculado e estampas florais miúdas mais coloridas, além de frutas. O acessório mais comum é o mini-chapéu de palha, geralmente decorado com flores ou frutas, ou com bolas de palha, cestas de piquenique ou bolsas que imitam cestas.

Shiro Lolita: são as lolitas que se vestem apenas de branco, com o cuidado de não misturar vários tons de branco na roupa. Os acessórios geralmente são de pérola.

Kuro Lolita: lolitas que se vestem inteiramente de preto, com acessórios que geralmente possuem detalhes em prata.

Punk Lolita: mistura da moda *punk* com a moda lolita. Geralmente o preto é combinado com o vermelho, roxo, rosa bebê, *pink*, branco, cinza, azul bebê ou azul royal, combinadas em estampas xadrez ou listras e risca de giz. Usa muitas sobreposições, coletes, gravatas de laço, boinas, minicartolas e saias pregueadas. Os acessórios mais comuns incluem caveiras, coroas, rebites, naipes de carta de baralho, brasões e crucifixo.

Guro Lolita (termo japonês que corresponde à *grotesque lolita*): usa bandagens, sangue falso e afins, o que pode dar um ar de boneca quebrada à lolita comum que geralmente se veste de branco manchado de sangue, embora outras cores também sejam usadas. Usa tapa olho e até meias rasgadas.

EroLolita (EroLoli): mistura o sexy antiquado, sem exageros, com o lolita. Muitas vezes utiliza corselets e outros elementos típicos de roupas íntimas vitorianas, como *bloomers* (a típica calçola da vovó), *petticoats* (saias de tule, filó ou tecido) e calcinhas grandes com babados. As saias costumam ser mais curtas do que o

normal que, no caso, é no joelho ou abaixo dele. Usa também cinta-liga com meia 7/8, coroas e até armações de metal no lugar da saia. Nesse estilo usa-se muitas peças de couro, colares, corpete e meia arrastão.

WaLolita: o estilo combina acessórios japoneses e a moda Lolita. O nome se refere ao Japão pela antiga palavra "*che*" que significa a "Mesma Nação", "Terra de (Wa)", que é terra da harmonia.

QiLolita: a variante Qi Lolita é um dos poucos estilos comuns da moda Lolita. É similar à Wa lolita, porque incorpora acessórios tradicionais. De fato combina elementos tradicionais chineses e o estilo Lolita.



Fig. 56 - QiLolita

Fonte: <http://vkbrasil.blogspot.com.br/>

Hime Lolita: lembra as princesas européias, com riqueza de detalhes que remetem ao rococó, com muitos babados, rendas e mais volume. Parece muito com o *Sweet Lolita*, principalmente nas cores (rosa bebê, rosa antigo, branco, pérola, bege e creme), podendo usar também azul marinho, azul bebê, vermelho e dourado, diferenciando-se pelos modelos de vestido, acessórios (camafeus, coroas, relicários, tiaras, pérolas e rosas, tudo que lembre carruagens e espelhos) e até mesmo pelo penteado que usa coroas, *corsages*, bonés e até laços. As estampas usam o tema de camafeus, coroas, rosas e até contos de fadas.



Fig. 57 - Deco Lolita

Fonte: <http://vkbrasil.blogspot.com.br/>

Deco lolita: mistura o estilo Decora com o Lolita. Usa muitos acessórios variados e coloridos como prendedores de cabelo, muitas pulseiras preferencialmente de bolinhas, estampas coloridas, sobreposições, meias. A idéia do estilo é ser tudo muito colorido. Existe uma preferência pela cor rosa, embora não haja nenhuma regra sobre a cor.

Sailor Lolita: é um estilo de lolitas com a temática náutica, inspirado nos uniformes de marinheiros. Usa golas marinheiro azul escuro e branco e até meias listradas. Os colares são azul marinho, azul escuro e branco. Os acessórios e detalhes mostram símbolos como âncoras, rodas, velas e navio.

Casual Lolita: usa roupas diárias e comuns da sociedade sem perder o jeito *Kawaii* da Lolita. Geralmente são saias volumosas em formato de sino, com rendas,

lacinhos e babados com uma camiseta (*baby look*), sapatos delicados estilo boneca e sempre usa meias com babados.

Kodona Lolita ou Ouji ou Dandy: é a versão masculina da lolita, embora possa ser usada também por meninas. As roupas são inspiradas nas roupas dos meninos da era vitoriana e as peças são calções, bermudas e blusas masculinas. O acessório normalmente são as cartolas. As cores geralmente são o azul, preto, branco e vermelho. Quando usado por homens adultos, esse estilo ganha o nome de Dandy.



Fig. 58 - Korona Lolita

Fonte: <http://www.ohayobrasil.com/tag/kodona-lolita/>

No Japão e na China existem várias lojas especializadas em moda Lolita, são roupas de marca e algumas são tão caras como as de Louis Vuitton e Hugo Boss.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Japão é um dos maiores exportadores de cultura popular do mundo. Seus desenhos animados (anime), desenhos (mangás), filmes, literatura e música estão se tornando cada vez mais populares. Itens da cultura japonesa se espalham por todos os países, como o *sushi* na culinária, os bonsais como manifestações culturais, o anime, o karatê, o judô e kendô nas artes marciais, os *videogames* Nintendo, SEGA e *PlayStation*, enquanto a técnica para vestir e usar o célebre e tradicional quimono chama a atenção de todos, especialmente dos estilistas.

Práticas peculiares acontecem em todas essas áreas, como a culinária do Japão que é tratada como arte, seja pela forma de misturar os ingredientes, seja pela apresentação dos pratos. Tem uma grande variedade de pratos utilizando-se bastante de peixes, carne, pickles, hortaliças ingeridos com os chamados *hashis* (pauzinhos) no lugar de talheres. Também sofrem influência estrangeira principalmente por causa dos jovens que, como os brasileiros, adoram o *fast-food*, o hambúrguer, o frango frito e o curry ao estilo japonês. Mas a tradição não é esquecida e, como hábito, antes de cada refeição é costume dizer *itadakimassu*, que significa pedir licença para comer e um agradecimento a quem a preparou. Também o chá verde, que os japoneses geralmente bebem após as refeições, já se tornou popular no mundo inteiro.

A cerâmica japonesa é considerada uma das mais belas do mundo e está entre os objetos mais antigos de sua cultura milenar. A arquitetura mostra o apreço que esse povo tem pelos materiais naturais, seja na composição exterior, ou na interior dos espaços. Com uma arte bipolar, a japonesa valoriza-se não apenas por sua simplicidade, mas também por sua exuberância de cores, e essas influências vêm atingindo o ocidente desde o século XIX.

No esporte, a prática do exercício físico para os japoneses é muito importante porque desenvolve tanto a disciplina, quanto a formação do caráter, enquanto incentiva o espírito esportivo. Os esportes praticados no Japão variam desde os tradicionais, incluindo o budô, em especial o judô, o karatê, o *kendo* e o sumô, o último considerado o esporte nacional.

Já o vestuário japonês distingue o Japão de todos os outros países do mundo, mas vem exercendo forte influência no Brasil. Atualmente há muitos elementos de moda japonesa sendo usados pelas brasileiras, embora a maioria das

peças não saibam que elas são intrinsecamente japonesas. Pode-se citar, como exemplo, uma preferência nacional: na área de calçados estão os *zōris* modernizados, sandálias tipo havaianas de plataformas altas, largas e decoradas. É freqüente também marcar a cintura com *obis* estilizados e bordados sobre blusas, camisas e vestidos para sair à noite. É moda ainda as blusas e vestidos *cache-coeur* de gola reta, que lembram os quimonos. Meninas de tribos adolescentes usam botas de saltos extravagantes com saias de babados, seguindo o estilo exagerado das adolescentes japonesas, só que, no Brasil, são usadas nas cores preto, branco e cinza e no Japão mistura-se cor, estampa e textura. A sobreposição de regatas sobre camisetas e vestidos sobre calças, hoje tão comum, era moda no início dos anos 90 no *street fashion* japonês considerada na época pelos ocidentais como um visual pobre e ridículo. Atualmente todas as grandes lojas vestem os manequins com essas sobreposições, e sobrepor virou regra internacional em moda jovem.

Confirma-se, dessa forma, que há uma crescente influência pop japonesa na estética, na comunicação e no comportamento que provém do fenômeno pop japonês, movimento conhecido internacionalmente, inclusive no Brasil, de Japop (contração de *Japanese pop culture*).

Observa-se, assim, que a cultura popular contemporânea japonesa é uma mistura de industrialização com costumes bastante particulares e milenares, e essa convivência de elementos que parecem antagônicos é o que fascina o mundo. E com uma cultura tão fascinante e tão exótica, que sofre por transformações há mais de dois mil anos, o Japão merece ser conhecido em sua história e ter sua cultura, arte e moda divulgadas e respeitadas.

REFERÊNCIAS

ARTE japonesa. Disponível em: <http://www.pitoresco.com.br/art_data/japonesa/>. Acesso em: 15 out. 2012.

BANDEIRA e hino nacional: símbolos modernos com raízes históricas. Disponível em: <<http://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/bandeira.html>>. Acesso em: 3 out. 2012.

BANDEIRA do Japão: Significado, cores e história da bandeira japonesa. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/paises/japao/bandeira_japao.htm>. Acesso em 15 nov. 2012.

BORTOLI, Dianele. (2008) **Coleção de vestuário infantil feminino**: doces histórias (Monografia – Design de Modas). Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Camboriú. Disponível em: <<http://siaibib01.univali.br/pdf/Dianele%20Bortoli.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

COLEÇÃO de arte japonesa do período Meiji irá a leilão na Christie's (2007). Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u68235.shtml>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

CULTURA japonesa (2011). Disponível em: <<http://culturajaponesa-fran.blogspot.com.br/2011/06/vestuario.html>>. Acesso em: 25 out. 2012.

DANIELE (2011). **Pontos turísticos do Japão**. Disponível em: <<http://melhorculturaoriental.blogspot.com.br/2011/05/as-dez-melhores-pontos-turisticos-para.html>>. Acesso em: 03 out. 2012.

FREITAS, Ricardo Ferreira. Comunicação, consumo e moda: entre os roteiros das aparências. In: **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, vol. 3, n. 4. p. 125-136, 2005.

GAKUSEI, Nihongo No. (2009) **O selo imperial**. Disponível em: <<http://nihondo.blogspot.com.br/2009/06/o-selo-imperial.html>>. Acesso em: 03 out. 2012.

HENSHALL, Kenneth G. **História do Japão**. Lisboa: Edições 70, 2008.

HISTÓRIA e evolução do kimono. Disponível em: <<http://www.japaoemfoco.com/kimono-roupa-tradicional-japonesa/#ixzz2Hi6jXYzC>>. Acesso em: 30 nov. 2012.

JAPÃO: os lugares mais bonitos e mais visitados. Disponível em: <<http://www.maisbonitos.com.br/japao-os-lugares-mais-bonitos-e-mais-visitados/>>. Acesso em: 30 nov. 2012.

KEI, Lolita. (2012) **Lolita**. Disponível em: <<http://www.ohayobrasil.com/tag/kodona-lolita/>> Acesso em: 30 nov. 2012.

KEIKO, Gion. (2012) Calçados japoneses. Disponível em: <<http://www.japan-zone.com/culture/footwear.shtml>>. Acesso em: 15 no. 2012.

KIMONO. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/japao/kimono.php>>. Acesso em: 30 out. 2012.

MACIAMO (2004). **Sistema educacional japonês**. Disponível em: < www.jref.com>. Acesos em: 1 no. 2012.

MAYUMI (2012). **Kimonos**. Disponível em:<http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://3.bp.blogspot.com/-zaK3siQ5NYU/UGWehNnIC7I/AAAAAAAAAWc/i5m4ITD-VRg/s1600/furisode3.jpg&imgrefurl=http://diariodemayumi.blogspot.com/2012/09/kimonos.html&usg=__>. Acesso em: 15 nov. 2012.

MIRANDA, Ana Paula Celso de; GARCIA, Carol; LEÃO, André. Moda e desenvolvimento: cada cabide, uma sentença. In: **ANPAD 2001**. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/enanpad/2001/dwn/enanpad2001-mkt-145.pdf>> Acesso em: 30 out. 2012.

MITSUKI, Ikari (2012). **História da moda japonesa**. Disponível em: <<http://japonesdake.blogspot.com.br/2012/07/historia-da-moda-japonesa.html>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

MOURA, Mônica. A moda entre a arte e o design. In: PIRES, Dorotéia Baduy (org.). **Design de moda: olhares diversos**. p. 37- 72. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

O JAPÃO de hoje. Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão. Disponível em: < www.culturajaponesa.com.br>. Acesso em: 25 ou. 2012.

OS estilistas que revolucionaram o mundo da moda. Disponível em: <http://manequim.abril.com.br/moda/historia-da-moda/historia_da_moda_288541.html?page=page3>. Acesso em: 30 nov. 2012.

PONTOS Turísticos e Culturais do Japão. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/paises/japao/pontos_turisticos_japao.htm>. Acesso em: 15 nov. 2012.

SAKURA, símbolo do Japão. Disponível em: <<http://www.flordecerejeira.com.br/sakura.asp>>. Acesso em: 03 out. 2012.

SATO, Cristiane A. **Japop**: o poder da cultura pop japonesa. São Paulo: NSP-HAKKOSHA, ed. e promoções, 2007

_____. (s.d.) **Culinária caseira japonesa**: Kateiryōri. Disponível em: <www.culturajaponesa.com.br>. Acesso em: 15 nov. 2012.

_____. (s.d.) **Grifes Japonesas**: estilistas famosos. Disponível em: <www.culturajaponesa.com.br>. Acesso em: 30 nov. 2012.

_____. (2007) **Kimono**. Disponível em: <www.culturajaponesa.com.br/kimono>. Acesso em: 15 nov. 2012.

_____. (s.d.) **Kimono, história, cultura, vestuário**: o que é kimono. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/japao/kimono.php>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

_____. (2008). **Quimono moderno**: o lado fashion do estilo tradicional. Disponível em: <http://www.culturajaponesa.com.br/html/moda_kimono_fashion.html>. Acesso em: 20 nov. 2012.

_____. (s.d.) **Moda fashion kimono** S.D. Disponível em: <<http://www.japop.com.br/modafashion.htm>>. Acesso em: 15 no. 2012.

_____. (s.d.) **Moda japonesa**: geral. Disponível em: <www.culturajaponesa.com.br>. Acesso em: 15 nov. 2012.

SÍMBOLOS Japoneses. Disponível em: <<http://www.alienado.net/simbolos-japoneses/>>. Acesso em: 03 out. 2012.

SILVA, Raul Mendes (2013). **Arte do Japão**. Disponível em: < <http://www.raulmendesilva.pro.br/projetobrasil/pag024.shtml>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

SUZUKI, anik (2008). **Quimonos para ELES**. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer,getBlog&uf=1&local=1&template=3948.dwt§ion=Blogs&post=61739&blog=354&coldir=1 &topo=4023.dwt>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

UCHIDESCHI, Juliana Galende (2013). **Kimono**: A vestimenta tradicional do Japão. Disponível em: <<http://www.bugei.com.br/artigos/index.asp?show=artigo&id=13>>. Acesso em: 05 jan. 2013.

Sites consultados:

www.culturajaponesa.com.br

<http://culturajaponesa-fran.blogspot.com.br/2011/06/vestuario.html>